



LSPA
INSTITUTO UNIVERSITÁRIO
CIÊNCIAS PSICOLÓGICAS, SOCIAIS E DA VIDA

**VINCULAÇÃO, AJUSTAMENTO E SATISFAÇÃO
CONJUGAL EM HETEROSSEXUAIS E
HOMOSSEXUAIS**

PAULO SOUSA NASCIMENTO

Orientador da Dissertação:

PROFESSORA DOUTORA MARIA GOUVEIA-PEREIRA

Coordenador de Seminário de Dissertação:

PROFESSORA DOUTORA MARIA GOUVEIA-PEREIRA

Tese submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de:

MESTRE EM PSICOLOGIA

Especialidade em Psicologia Clínica

2017

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação da Professora Doutora Maria Gouveia-Pereira, apresentada no ISPA – Instituto Universitário para a obtenção de grau de Mestre na especialidade de Psicologia Clínica

Agradecimentos

Ao longo deste período de trabalho foram muitas as pessoas que de uma maneira ou de outra contribuíram para que a concretização da minha tese fosse possível e a elas devo muito.

Quero agradecer:

Em primeiro lugar à Professora Doutora Maria Gouveia-Pereira, por todos os conhecimentos que me transmitiu, por todas as sugestões. Sem si não teria sido possível.

À Patrícia, por todo o incentivo, e por estares presente em todos os momentos que preciso de ti.

À Inês por toda a ajuda na análise dos dados.

Aos meus amigos, um obrigado pelos risos, por sempre me motivarem e pela força que me transmitem.

A todos os participantes!

A todas as pessoas que me ajudaram a divulgar o questionário.

Obrigado às pessoas responsáveis pelos grupos LGBT do *Facebook*, por me terem cedido a entrada, pois sem a vossa ajuda este trabalho não seria possível.

Por último, mas não menos um grande agradecimento a toda a minha família, que mesmo estando longe me apoiaram em cada fase deste processo. Agradeço por sempre acreditarem em mim e me tornarem uma pessoa determinada, a dar o meu melhor, a nunca desistir e por todas as palavras de conforto e incentivo.

Pai e Mãe o meu profundo agradecimento por todo o apoio e amor incondicional.

A todos,

Um muito obrigado!

Resumo

Este estudo tem como objetivo estudar a relação entre as dimensões da vinculação, do ajustamento e da satisfação conjugal em heterossexuais e homossexuais; analisar como as dimensões destas variáveis se comportam em função da orientação sexual (heterossexual e homossexual), do sexo (Homem e Mulher); se as dimensões do ajustamento conjugal são mediadoras na relação entre as dimensões da vinculação e da satisfação conjugal; e finalmente analisar os fatores centrípetos (aqueles que são gerados pela própria relação), centrífugos (fatores externos à relação) e tempo (ciclos e etapas normativas da vida).

Participaram neste estudo 203 sujeitos. Relativamente à orientação sexual 54,7 % dos participantes eram heterossexuais e 45,3% eram homossexuais. No que concerne ao sexo dos participantes 43,8% eram do sexo masculino e 56,2 eram do sexo feminino.

Este estudo utilizou uma metodologia quantitativa. O instrumento utilizado é composto por: Escala de Vinculação do Adulto (EVA) que tem como dimensões ansiedade, conforto com a proximidade e confiança nos outros (Collins & Read, 1990, versão portuguesa: Cannavaro, 1995); Escala de Ajustamento Diádico (EAD), que inclui as dimensões consenso, satisfação, coesão e expressão de afeto (Spanier, 1976, versão portuguesa: Gomez & Leal, 2008) e Escala de Avaliação da Satisfação Conjugal em Áreas da Vida Conjugal (EASAVIC) com as dimensões funcionamento conjugal e amor (Narciso & Costa, 1996). Este estudo incluiu também análise de conteúdo a uma questão aberta.

Os resultados indicam que nos heterossexuais não existe uma relação significativa entre a dimensão ansiedade (vinculação) e as dimensões da satisfação conjugal e que nos homossexuais não existe uma relação entre a confiança nos outros (vinculação) e as dimensões do ajustamento e da satisfação conjugal. Existem diferenças ao nível da orientação sexual nas dimensões do ajustamento conjugal e na dimensão amor da satisfação conjugal. Ao nível do sexo existem diferenças na dimensão conforto com a proximidade (vinculação) e na dimensão coesão (ajustamento conjugal). As dimensões do ajustamento conjugal são mediadoras na relação entre as dimensões da vinculação e da satisfação conjugal em heterossexuais e homossexuais. Os fatores centrípetos (aqueles que são gerados pela própria relação) são os que têm um impacto mais negativo na satisfação conjugal quer em heterossexuais e homossexuais.

Palavras-chave: Vinculação, Ajustamento Conjugal e Satisfação Conjugal

Abstract

This study aims to study the relationship between the dimensions of attachment, adjustment and conjugal satisfaction in heterosexuals and homosexuals; To analyze how the dimensions of these variables behave according to the sexual orientation (heterosexual and homosexual), of the sex (Man and Woman); If the dimensions of conjugal adjustment are mediators in the relationship between the dimensions of attachment and marital satisfaction; And analyze the centripetal factors (those generated by the relation itself), centrifugal factors (factors external to the relation) and time (cycles and normative stages of life).

Participated in this study 203 subjects. Regarding sexual orientation, 54.7% of the participants were heterosexual and 45.3% were homosexuals. Regarding the participants' gender, 43.8% were male and 56.2 were female.

This study used a quantitative methodology. The instrument used is: Adult attachment Scale (EVA), which measures anxiety, comfort with proximity and trust in others (Collins & Read, 1990, Portuguese version: Cannavaro, 1995); Dyadic Adjustment Scale (DAS), which includes the dimensions of consensus, satisfaction, cohesion and expression of affection (Spanier, 1976, Portuguese version: Gomez & Leal, 2008) and the Conjugal Satisfaction Scale in Areas of Conjugal Life (EASAVIC), With dimensions: marital functioning and love (Narciso & Costa, 1996). This study also included content analysis to an open question.

The results indicate that in heterosexuals there is no significant relationship between the anxiety dimension (attachment) and the dimensions of conjugal satisfaction and that in homosexuals there is no relationship between trust in others (attachment) and the dimensions of adjustment and conjugal satisfaction. There are differences in sexual orientation in the dimensions of marital adjustment and in the love dimension of marital satisfaction. At the gender level there are differences in the dimension comfort with proximity (attachment) and in the cohesion dimension (conjugal adjustment). The dimensions of conjugal adjustment are mediators in the relationship between the dimensions of attachment and conjugal satisfaction in heterosexuals and homosexuals. The centripetal factors (those that are generated by the relation itself) are those that have a more negative impact on conjugal satisfaction in both heterosexual and homosexuals.

Keywords: Bonding, Adjustment, and Conjugal Satisfaction

Índice

Introdução.....	p.1
Capítulo I - Enquadramento Teórico.....	p.2
Conjugalidade heterossexual e homossexual.....	p.2
Dinâmicas relacionais na conjugalidade heterossexual e homossexual.....	p.2
Teoria da Vinculação.....	p.4
Vinculação em homens e mulheres e em homossexuais e heterossexuais.....	p.5
Ajustamento conjugal.....	p.7
Satisfação Conjugal.....	p.8
Modelo de Satisfação Conjugal.....	p.10
Relação entre Vinculação, Ajustamento e Satisfação Conjugal.....	p.11
Pertinência do Estudo, Objetivos e Hipóteses.....	p.13
Capítulo II – Método.....	p.15
Participantes.....	p.15
Instrumentos.....	p.16
1. Escala de Vinculação do Adulto (EVA).....	p.16
2. Escala de Ajustamento Diádico (EAD).....	p.17
3. Escala de Avaliação da Satisfação Conjugal em Áreas da Vida Conjugal (EASAVIC).....	p.18
Procedimentos.....	p.19
Capítulo III – Resultados.....	p.20
Discussão.....	p.36
Conclusão.....	p.42
Referências.....	p.43
Anexos.....	p.51
Anexo A – Consentimento Informado.....	p.52
Anexo B – Questionário Sociodemográfico.....	p.54
Anexo C – Escala de Vinculação do Adulto (EVA).....	p.56
Anexo D – Escala de Ajustamento Diádico (EAD).....	p.59
Anexo E - Escala de Avaliação da Satisfação Conjugal em Áreas da Vida Conjugal (EASAVIC).....	p.64

Índice de Figuras

Figura 1. Mediação 1 relativa aos heterossexuais.....	p.26
Figura 2: Mediação 2 relativa aos heterossexuais.....	p.26
Figura 3: Mediação 3 relativa aos heterossexuais.....	p.27
Figura 4: Mediação 4 relativa aos heterossexuais.....	p.28
Figura 5: Mediação 5 relativa aos heterossexuais.....	p.29
Figura 6: Mediação 6 relativa aos heterossexuais.....	p.29
Figura 7: Mediação 1 relativa aos homossexuais.....	p.30
Figura 8: Mediação 2 relativa aos homossexuais.....	p.31
Figura 9: Mediação 3 relativa aos homossexuais.....	p.32
Figura 10: Mediação 4 relativa aos homossexuais.....	p.33

Índice de Tabelas

Tabela 1. Caraterização dos participantes.....	p.15
Tabela 2. Número de homens e mulheres heterossexuais e homossexuais.....	p.16
Tabela 3. Correlações entre as variáveis em estudo com todos os sujeitos.....	p.20
Tabela 4. Correlações entre todas as dimensões em heterossexuais.....	p.21
Tabela 5. Correlações entre todas as variáveis em homossexuais.....	p.22
Tabela 6. Média dos sujeitos no efeito principal ao nível do sexo na dimensão conforto com a proximidade.....	p.23
Tabela 7. Média dos sujeitos no efeito principal ao nível da orientação sexual na dimensão consenso.....	p.23
Tabela 8. Média dos sujeitos no efeito principal ao nível da orientação sexual na dimensão satisfação.....	p.24
Tabela 9. Média dos sujeitos nos efeitos principais ao nível da orientação sexual e do sexo na dimensão coesão.....	p.24
Tabela 10. Média dos sujeitos no efeito principal ao nível da orientação sexual na dimensão Amor.....	p.24
Tabela 11. Categorização, segundo o Modelo de Satisfação Conjugal de Narciso, 2001.....	p.33
Tabela 12. Frequência dos Fatores Centrípetos, Centrífugos e Tempo em Heterossexuais e Homossexuais.....	p.35

Introdução

Ao longo da vida o ser humano, enquanto ser social, estabelece relações de natureza diversa. As relações amorosas têm um grande impacto no dia-a-dia das pessoas. Subjacente à relação amorosa está a conjugalidade e é sobre este tema que o presente estudo se vai debruçar.

Mais precisamente este estudo irá incidir nas comparações entre a conjugalidade heterossexual e homossexual, porém é de salientar que muitas das vezes a opinião sobre a sexualidade é fundada em crenças sociais, religiosas, laborais e culturais, esquecendo-se a verdadeira essência do ser humano, máquina biológica que ama e é amada na construção de uma relação (Mendes, 2010).

Toda a conjugalidade faz-se de um eu, de um tu e de um Nós. Cada elemento da conjugalidade tem uma história de vida, uma identidade própria, e portanto cada conjugalidade apresenta uma maneira de funcionar muito própria e específica, diferente de todas as outras conjugalidades (Alarcão, 2002).

Na conjugalidade o processo de vinculação vai se desenvolvendo gradualmente. O estilo de vinculação estabelecido com as figuras significativas de afeto pode promover, ou dificultar o desenvolvimento de competências e estratégias de regulação emocional dos indivíduos. Assim, os indivíduos que estabelecem um protótipo de vinculação segura, tendem a desenvolver competências interpessoais e padrões comportamentais, cognitivos e emocionais que lhes permitem responder adequadamente às exigências do quotidiano, funcionando como fator protetor face ao desenvolvimento de conflitos interpessoais (Mikulincer & Shaver, 2007).

Além disso, as experiências relacionais dos indivíduos ao longo do seu processo desenvolvimental encontram-se associadas ao ajustamento e bem-estar psicológico (Mikulincer & Shaver, 2007).

No que concerne à satisfação conjugal esta é resultado de uma reação subjetivamente experienciada na conjugalidade, é uma atitude de respeito do próprio relacionamento conjugal, é o resultado da diferença entre a perceção da realidade da conjugalidade e as aspirações que os conjugues têm para a relação (Diniz & Perlin, 2005). A satisfação conjugal está também associada a sentimentos de prazer, de bem-estar e de felicidade na vida em geral e portanto um fator muito importante na relação conjugal (Narciso, 1994/1995).

Capítulo I - Enquadramento Teórico

Conjugalidade heterossexual e homossexual.

Para além do que acabamos de referir, vários estudos indicam que a conjugalidade tem vindo a sofrer alterações ao longo dos anos, nomeadamente a conjugalidade heterossexual (Gotta, Green, Rothblum, Solomon, Balsam & Schwartz, 2011). Além disso a orientação sexual é algo que apesar de nos dias de hoje, ainda ser tabu para determinadas culturas, constata-se que pouco a pouco tem vindo a ser mais abordada em diferentes contextos (Sampaio, 2012). A modernidade trouxe incontornáveis inovações, no entanto, determinados costumes continuam a fazer parte do desejo humano e não têm mudado com o tempo, como o desejo de sentir-se amado e pertencente a alguém (Garbin, Cenci & Luz, 2015).

A conjugalidade pode ser definida como o estabelecimento de união ou enlace entre duas pessoas, não sendo necessário que haja o estabelecimento de um contrato, bastando existir um laço de intimidade e afeto (Scorsolini-Comin & Santos, 2012). De acordo com Vaitsman (1994), com o passar dos anos tem-se constatado conjugalidades mais flexíveis e plurais.

A conjugalidade heterossexual está associada à atração sexual ou romântica entre indivíduos de sexo oposto. A heterossexualidade caracteriza-se pela condição de um indivíduo sentir atração física e emocional por outro ser do sexo oposto. Além disso, a heterossexualidade é a orientação sexual mais prevalente nos seres humanos (Alves, 2015). A conjugalidade homossexual está associada a um conjunto de práticas e representações sociais relacionadas aos vínculos emocionais e sexuais entre iguais biológicos. A homossexualidade é a condição de o ser humano sentir atração física e emocional por outro ser do mesmo sexo (Mello, 2005).

Dinâmicas relacionais na conjugalidade heterossexual e homossexual

As diversas investigações realizadas ao longo dos anos indicam que os índices de estabilidade, satisfação relacional e satisfação sexual evidenciados pela conjugalidade homossexual (gays e lésbicas) são iguais aos da conjugalidade heterossexual. Além disso, os estudos indicam que o término das relações de gays e lésbicas e heterossexuais assentam no mesmo tipo de questões, essencialmente na perceção de que existe uma diminuição na satisfação conjugal. (Frazão, 2012). As

dinâmicas das diversas relações conjugais têm sido influenciadas pelos diversos avanços científicos e tecnológicos que mudaram de forma significativa o perfil das necessidades, desejos e expectativas de vida dos seres humanos em geral.

De acordo com MacDonald (1998), ao contrário das conjugalidades heterossexuais que têm vários modelos de referência como as suas famílias de origem, nas conjugalidades homossexuais não existem muitos modelos de referência. Isto deve-se ao facto de as minorias sexuais desenvolverem as suas próprias dinâmicas de relacionamento normativas. No entanto, as conjugalidades homossexuais poderão interpretar algumas dificuldades típicas da vida conjugal como estando associadas ao fator orientação sexual e não ao fator conjugalidade em si mesmo (Spitalnick & McNair 2005).

Segundo Cove & Boyle (2002), no que concerne às comparações entre conjugalidades homossexuais e heterossexuais existem diferenças ao nível do comportamento sexual. Os estudos indicam que a conjugalidade *gay* (casal homossexual masculino), tende a ter um carácter menos monogâmico que a conjugalidade de lésbicas e heterossexual. No entanto, estudos recentes têm vindo a indicar que a conjugalidade *gay* têm vindo a apresentar um formato cada vez mais monogâmico. Além disso, os homossexuais tendem a ter relacionamentos menos duradouros comparativamente aos heterossexuais.

Segundo Spitalnick & McNair (2005), a principal diferença existente entre a conjugalidade homossexual e heterossexual é a dos papéis de género (“*sex roles*”) na relação. Os papéis de género têm sido definidos como comportamentos e características que estão culturalmente associados com o homem e com a mulher e são baseados em determinados estereótipos culturais e normas que normalmente são entendidas como características femininas ou masculinas.

De acordo com Cardell, Finn & Marecek (1981), nas conjugalidades heterossexuais existe uma maior influência de estereótipos e dos papéis de género do que os indivíduos em relações do mesmo sexo. As conjugalidades heterossexuais também relatam com maior precisão os papéis de género, ao passo que as conjugalidades do mesmo sexo relatam os papéis de género de uma forma mais indiferenciada. As conjugalidades homossexuais tendem a rejeitar os papéis rígidos, sobretudo aqueles relacionados com estereótipos de género tradicionais, valorizando a negociação constante de quais papéis devem ser adotados.

Porém, Mosmann, Lomando & Wagner (2010), referem que não podemos afirmar que existem efetivamente diferenças ou semelhanças entre a conjugalidade homossexual e heterossexual, visto que cada conjugalidade seja ela homossexual ou heterossexual cria a sua própria dinâmica de relacionamento. As dinâmicas de relacionamento são influenciadas por uma grande variedade de fatores, pelo apego entre os parceiros (vinculação), pelos diversos ajustes que fazem ao longo do tempo, entre outros aspetos. Estes autores referem que cada conjugalidade tem a sua própria individualidade e funciona de uma maneira muito própria e específica. Scorsolini-Comin & Santos (2011) acrescentam que cada conjugalidade resulta do entrelaçamento entre duas pessoas, que possuem a sua própria individualidade, de dois passados diferentes que se cruzam e dão origem à construção de uma identidade do casal, um espaço que é continuamente construído e transformado por ambos os cônjuges a partir da vivência conjugal.

Teoria da Vinculação

A teoria da vinculação, “Attachment Teory”, tem a sua origem em conceitos retirados da etologia, do processamento de informação, da cibernética, da psicologia do desenvolvimento e também da psicanálise. Esta teoria resulta dos trabalhos de Bowlby e Ainsworth. A teoria da vinculação baseia-se num modelo de desenvolvimento emocional que refere que as relações primárias mãe-bebé, têm uma influência direta no modelo das relações futuras do sujeito, e também promove expectativas e assunções acerca dele próprio e dos outros, suscetíveis de influenciar a competência social e o desenvolvimento emocional ao longo da vida (Ferreira & Pinho, 2009).

Segundo Bowlby (1977) a vinculação é uma característica que acompanha os seres humanos da nascença até à morte. É através dos vínculos humanos que se formam quer conjugalidades heterossexuais e homossexuais na idade adulta.

A teoria da vinculação assenta na premissa que as crianças têm uma necessidade inata de estabelecer relações muito próximas com os seus cuidadores principais, construindo laços sólidos com a mãe ou com uma figura de vinculação (Bowlby, 1988). É a qualidade das relações, que capacita a criança para procurar proximidade com a figura de vinculação e desta forma aumentar a segurança com o mundo (Bowlby, 1980).

Segundo Ainsworth (1991) a figura de vinculação além de desempenhar o papel de base segura tem também a função de *porto seguro*. Este porto seguro constitui uma

figura efetivamente significativa à qual se recorre em situação de necessidade, procurando conforto, proteção, apoio e alívio.

A vinculação é entendida como uma ligação que começa a se desenvolver no início da vida, durante o laço emocional entre o bebê e a figura de vinculação, em que ambas as partes, mãe e bebê contribuem para a promoção da qualidade da relação entre ambos (Papalia, Olds & Feldman, 2010, citado por Hyde-Nolan & Juliao, 2012). Ainsworth (1978) refere que se o cuidador responder de uma forma adequada às necessidades da criança, como abraçar, dar conforto e proteger, o laço afetivo entre ambos é reforçado e conseqüentemente cria uma vinculação segura. Este é um aspeto fundamental para o bom desenvolvimento humano, visto que quando o sujeito tem de base uma vinculação segura, terá uma maior tendência para desenvolver relações seguras com outras pessoas ao longo do seu desenvolvimento.

Vinculação em homens e mulheres e em heterossexuais e homossexuais

No que concerne às diferenças ao nível do sexo Weiss (1974) refere que as mulheres são tendencialmente mais empáticas, sensíveis, demonstram mais compaixão pelo outro. Nos dias de hoje ainda é transmitido às mulheres determinados valores tradicionais, que as mulheres se devem envolver apenas em relacionamentos onde perdure o amor e o romance, em detrimento do sexo. Relativamente aos homens estes não são tão empáticos nem demonstram tanta compaixão pelo outro como o sexo feminino e contrariamente às mulheres não lhes é incutido determinados valores tradicionais. No que concerne ao homem, os encontros sexuais ocasionais, ainda são entendidos como virilidade. Assim, a mulher apresenta uma maior predisposição para se vincular de uma forma segura na sua relação amorosa contrariamente ao homem.

Em 1985, Ainsworth começou a estudar o estilo de vinculação em homossexuais e heterossexuais. Nesta altura este autor referia que não existiam diferenças entre homossexuais e heterossexuais na forma como se vinculam ao parceiro/a. Segundo Ainsworth (1985) o tipo de vinculação que era estabelecido pelo adulto (seguro/inseguro) é sobretudo determinado pela vinculação aos pais.

No que concerne à heterossexualidade vários estudos têm vindo a indicar que a vinculação parental é provavelmente o grande determinante na forma como o adulto heterossexual se vai vincular nas suas relações afetivas, com os pares, com o parceiro romântico, entre outros (Ainsworth, 1985).

Porém no que concerne aos homossexuais, Greenan e Tunnell (2003), apresentam uma perspectiva diferente de Ainsworth (1985), referindo que o tipo de vinculação estabelecido pelos homossexuais na idade adulta poderá ser diferente ao dos heterossexuais e que a sociedade e a cultura em que o indivíduo está inserido poderá ter um grande impacto na maneira como mulheres e homens homossexuais se vinculam nas suas relações afetivas.

Segundo Weiss (1974) as mulheres homossexuais referem com mais frequência o desejo de ter uma relação mais próxima com a sua parceira e que envolvimento sexuais ocasionais não são atrativos. Portanto, as mulheres homossexuais poderão estar mais predispostas para desenvolver uma vinculação segura com a parceira, do que qualquer outro tipo de conjugalidade.

No entender de Greenan e Tunnell (2003) a vinculação é mais complexa, no que concerne aos homens homossexuais. Segundo este autor os homens homossexuais desenvolvem no início da vida problemas ao nível da vinculação que posteriormente influenciará as suas relações íntimas. Por volta dos 4 e 5 anos o homem homossexual começa a desenvolver a sua identidade homossexual, idade em que começam a sentir que são diferentes dos seus colegas: mais sensíveis, choram com mais facilidade, têm um maior interesse pela natureza, arte e música, são menos agressivos, demonstram menos interesse por desporto e com mais frequência são chamados à atenção por serem diferentes e para o protótipo do que é ser homem (Isay, 2009).

Contrariamente a outras teorias que se focam apenas no papel da mãe Isay (2009), vem referir o papel que o pai tem no desenvolvimento do seu filho homossexual e no tipo de relações que este vai estabelecer na idade adulta. Estes pais são geralmente mais distantes e são desvinculados a este filho homossexual e costumam favorecer outros irmãos que são mais convencionais e masculinos, o que acaba por ter um impacto na vinculação que o homem homossexual terá posteriormente com o seu parceiro.

Assim, Greenan e Tunnell (2003), referem que é mais frequente o homem homossexual se vincular de uma forma mais insegura nas suas relações afetivas e apresentar comportamentos mais evitantes.

Em suma Greenan e Tunnell (2003) referem que os homens homossexuais geralmente apresentam uma vinculação mais insegura ao parceiro romântico, comparativamente as mulheres homossexuais e aos heterossexuais. Greenan e Tunnell (2003) vêm reforçar a ideia de que os estudos sobre a vinculação em homossexuais

ainda têm uma caráter muito residual, havendo muito poucos estudos que venham suportar a teoria da vinculação em homossexuais.

Ajustamento conjugal

O ajustamento conjugal é um reflexo de processos conjugais (partilhar ideias, desentendimentos), comunicação e os resultados dessa interação (Spanier, 1976).

Segundo Gomez e Leal (2008), o ajustamento conjugal constitui um conceito chave na literatura sobre a família desde décadas. Johnson, Amoloza & Booth (1992) referem que o ajustamento conjugal tem sido entendido como uma propriedade interpessoal e não algo que os indivíduos carregam de uma relação para outra, estando desta forma, inserida num processo contínuo e sempre em mudança. Além disso, é preciso considerar que o grau de felicidade ou sucesso de uma relação é influenciado por uma multiplicidade de fatores, e conseqüentemente tem existido muitas dificuldades de clarificação conceptual e de avaliação nesta área (Rosen-Grandon, Myers & Hattie, 2004).

Desta forma, o ajustamento conjugal tem sido definido em função da forma como vai ser avaliado, não existindo uma definição consensual desta variável (Fisiloglu & Demir, 2000). Como consequência tem ocorrido muita confusão terminológica entre o conceito de ajustamento conjugal e conceitos próximos, nomeadamente com o conceito de satisfação conjugal (Sabourin, Valois, & Lussier, 1990).

Na conjugalidade existe uma série de fatores que interferem na relação, e inúmeros desafios que fazem com que o casal tenha que realizar constantemente ajustamentos, com o intuito de manter esta mesma relação. É precisamente devido as particularidades do casal e às inúmeras situações de adversidade que os casais enfrentam, que tornam o ajustamento conjugal, uma variável difícil de definir (Fisiloglu & Demir, 2000).

Segundo Hernandez (2008), o ajustamento conjugal é um processo em que o resultado é determinado pelo grau das tensões interpessoais e da ansiedade pessoal, da satisfação diádica, da coesão diádica e do consenso entre os cônjuges sobre aspetos importantes para o funcionamento do casal.

O ajustamento conjugal dos casais satisfeitos parece ser mais funcional, provavelmente pelo fato de haver uma maior coesão, proximidade assim como uma

maior demonstração de afeto entre os elementos do casal (Hammerschmidt, Kaslow, Norgen, Sharlin & Souza, 2004).

Nos primórdios dos estudos sobre o ajustamento conjugal já era referido por Spanier (1976), que o ajustamento conjugal é um *continuum* dinâmico, consistindo em eventos, circunstâncias e interações que movem o casal para frente e para trás junto com esse *continuum*.

As transformações sociais que afetam a vivência da conjugalidade heterossexual e homossexual têm relevante influência na formulação de teorias, sendo importante verificar a extensão e a natureza das diferenças que se estabelecem nos diversos tipos de conjugalidades, criando modelos mais adequados da compreensão do ajustamento conjugal independentemente da orientação (Féres-Carneiro, 1997).

Um estudo exploratório realizado por Dailey (1979), teve como objetivo examinar o nível de sucesso dos constantes ajustamentos conjugais que são realizados por conjugalidades heterossexuais e homossexuais. Ambas as conjugalidades obtiveram altos níveis de sucesso ao nível do ajustamento conjugal. No entanto a conjugalidade homossexual obteve resultados mais baixos relativamente ao ajustamento, comparativamente aos heterossexuais.

O conceito de ajustamento conjugal é definido nesta investigação de acordo com a definição de Hernandez (2008), ou seja, um processo em que o resultado é determinado pelo grau das diferenças conjugais incómodas, das tensões interpessoais e da ansiedade pessoal, da coesão diádica e do consenso entre os conjugues sobre aspetos importantes para o funcionamento do casal.

Satisfação Conjugal

Na literatura tem-se constatado um emaranhamento de determinados conceitos quando se aborda a conjugalidade, nomeadamente termos como satisfação conjugal e qualidade conjugal não havendo fronteiras nítidas acerca desses mesmos conceitos e tal deve-se ao fato de haver uma proximidade muito grande entre estes mesmos conceitos (Narciso, 2001/2002).

Segundo Wagner & Falcke (2001) a satisfação conjugal é um constructo de complexa definição. Estes autores referem que esta complexidade deve-se ao fato de este conceito ser composto por diferentes variáveis, desde as características de

personalidade dos cônjuges às experiências que eles trazem das suas famílias de origem, até a maneira como eles constroem o relacionamento a dois.

Para ser possível atingir a satisfação conjugal é importante considerar diversos aspectos, entre eles a sexualidade, questões profissionais e financeiras. Quando a vida em casal inicia começam também todos esses desafios e manter o equilíbrio entre os conjugues exige da díade conjugal muita paciência, diálogo e diplomacia (Garbin, Cenci & Luz, 2015).

Diversos estudos têm demonstrado um interesse relevante naquilo que é a área de estudo da Satisfação Conjugal (Bradbury, Fincham, & Beach, 2000).

No entender de Norgren, Souza, Kaslow, Hammerschmidt & Sharlin (2004) satisfação conjugal é sem dúvida, um conceito subjetivo, implicando em ter as próprias necessidades e desejos satisfeitos, assim como corresponder, em maior ou menor escala, ao que o outro espera, definindo um dar e receber recíproco e espontâneo. Este conceito está relacionado com sensações e sentimentos de bem-estar, contentamento, companheirismo (Olson & Stewart, 1991). Os homens tendem a ter uma visão mais positiva, relativamente aos aspetos anteriormente mencionados, comparativamente às mulheres (Narciso & Ribeiro, 2009).

A satisfação conjugal está relacionada a sentimentos de prazer, de bem-estar, e de felicidade na vida em geral, e por isso é um fator bastante importante na relação conjugal (Narciso, 1994/1995). O termo satisfação conjugal resulta de uma avaliação subjetiva da relação (Thompson, 1988, in Narciso & Costa, 1996).

Segundo Watson, Hubbard & Wiese (2000), as relações conjugais podem ser a maior fonte de felicidade se a satisfação conjugal for elevada. As relações conjugais satisfatórias estão associadas a taxas elevadas de bem-estar e satisfação com a vida. Hendrick & Hendrick (1997) explicam a satisfação conjugal como sendo um julgamento sumativo da relação conjugal.

A satisfação conjugal é um estilo de vida a dois que implica um processo de dar e receber mútuo sincero (Norgren, Souza, Kaslow, Hammerschmidt & Sharlin, 2004) e que emerge da harmonia entre as expectativas e aspirações que os indivíduos têm comparativamente com a realidade vivida na relação (Campbell, Converse & Rogers, 1976).

A vivência de indivíduos que pertencem a grupos de minorias como os homossexuais, numa sociedade regida pela heteronormatividade pode originar no indivíduo homossexual a ideia de que a vivência da sua sexualidade é desviante. Este é

considerado um dos fatores que causa maior impacto na forma como os homossexuais se relacionam com o parceiro/a, criando sentimentos de inadequação e instabilidade nos relacionamentos amorosos (Costa & Nardi, 2015). Assim torna-se relevante investigar a forma como se estabelecem as relações sociais e afetivas de indivíduos de orientações não heterossexuais, principalmente no que concerne à satisfação conjugal destes indivíduos (Scorsolini-Comin & Santos, 2010).

No presente trabalho o conceito de satisfação conjugal é definido como resultado de uma avaliação subjetiva de cada elemento do casal relativamente à sua relação conjugal (Thompson, 1988, in Narciso & Costa, 1996).

Modelo de Satisfação conjugal

Na área de investigação da satisfação conjugal o “Modelo de Satisfação Conjugal” realizado por Narciso (2001), é o estudo mais recente realizado em Portugal. Este modelo procura atualizar e completar diversos conceitos fundamentais associados à conjugalidade, de modo a que haja uma melhor compreensão dos processos inerentes à satisfação conjugal.

Segundo Narciso (2001), podemos considerar três tipos de fatores influentes na satisfação conjugal: *Fatores Centrípetos*, os *Fatores Centrífugos* e o *Fator Tempo*.

Os *Fatores Centrípetos* são responsáveis pela relação e também são gerados pela própria relação. Estes fatores incluem os processos cognitivos tais como os pressupostos e padrões, as perceções, as atribuições e as expectativas, que influenciam a relação e são influenciados por ela. Englobam também os processos afetivos que tal como o nome indica remetem para sentimentos de amor, para a intimidade entre o casal e o compromisso assumido por ambos. E por último englobam os processos operativos ou comportamentais, que refletem o funcionamento conjugal e incluem a comunicação, os conflitos e o controlo da relação.

Assim e sucintamente os *Fatores Centrípetos* englobam:

- ✓ Conteúdos cognitivos (significados, expectativas e crenças);
- ✓ Conteúdos emocionais / afetivos (afeto, sexualidade, intimidade);
- ✓ Conteúdos comportamentais (resolução de problemas ou conflitos; gestão do controlo e responsabilidades; comunicação e expressão).

No que concerne aos *Fatores Centrífugos*, estes são os mais periféricos à relação. Incluem os fatores Contextuais tais como a família de origem, a rede social em que a conjugalidade está inserida, o trabalho dos membros do casal, as características demográficas e contextuais e também os fatores pessoais que incluem por exemplo, os padrões de vinculação, características da personalidade e aspetos demográficos individuais.

Os *Fatores Centrífugos* ou externos englobam:

- ✓ Experiências e vivências com as respetivas famílias de origem (de cada cônjuge com cada uma das famílias);
- ✓ A rede social de cada um (e a integração de cada indivíduo na rede social do outro);
- ✓ Os aspetos profissionais de cada um (e como estes são articulados com os aspetos pessoais).
- ✓ A cultura em que a conjugalidade está inserida (e como lida com o preconceito).

Para terminar temos o *Fator Tempo*, ou *Percurso de Vida Conjugal* onde é tido em conta o tempo de namoro, tempo de casamento, etapas vistas como normativas ao longo do ciclo de vida.

Segundo Narciso (2001), através da análise de todos estes fatores é possível estudar-se a satisfação conjugal.

Relação entre Vinculação, Ajustamento e Satisfação Conjugal

No que concerne à relação entre Vinculação e Ajustamento Conjugal, vários estudos indicam que a vinculação tem um efeito significativo na maneira como a conjugalidade realiza os sucessivos ajustes conjugais. Quando os cônjuges apresentam um estilo de vinculação seguro são mais responsivos às necessidades dos seus companheiros, enfrentam mais facilmente todas as dificuldades que advêm de uma relação a dois, funcionam como uma base segura nos momentos de maior adversidade e tendem a perceber o apoio recebido, como adequado (Mikulincer & Shaver, 2007).

Face a situações adversas de perigo, incerteza ou distress, os indivíduos com um estilo de vinculação seguro conseguem regular as suas emoções de forma eficaz (Mikulincer & Shaver, 2007), manifestam esperança, otimismo e resiliência (Gjerde, Onishi, & Carlson, 2004) e contribuem para o sentido de segurança de outros

(Mikulincer & Shaver, 2007). Os indivíduos com uma vinculação segura lidam com o stress de uma maneira adaptativa e construtiva, focada na resolução do problema (e.g., expressão e negociação mútuas).

Segundo Mikulincer & Shaver (2007) um aspeto determinante no ajustamento conjugal é a capacidade que a conjugalidade tem para lidar com o conflito de uma forma eficaz. Por conseguinte, um estilo de vinculação inseguro tem sido associado a estratégias de resolução de conflitos ineficazes. Por exemplo, perante situações adversas, indivíduos com um estilo de vinculação inseguro tendem a avaliar acontecimentos stressantes como mais ameaçadores, avaliam-se como incapazes de enfrentar determinados problemas e utilizam estratégias de coping desadequadas (Mikulincer & Shaver, 2007; Simpson & Rholes, 2012; Overall & Simpson, 2013).

Diversas investigações sobre os estilos de vinculação e a satisfação conjugal demonstram que a vinculação é um importante indicador na satisfação ou insatisfação conjugal (Banse, 2004; Collins & Read, 1990; Fraley & Shaver, 2000; Fuller & Fincham, 1995; Guerrero, Farinelli, & McEwan, 2009; Heene et al., 2005; Kane et al., 2007; Mikulincer & Shaver, 2007; Ottu & Akpan, 2011).

De acordo com Mikulincer & Shaver (2007) determinados fatores com um estilo de vinculação seguro, o apoio mútuo, a expressão emocional e a comunicação, são determinantes nos níveis de satisfação conjugal. Assim, seguindo esta sequência de ideias, uma vinculação segura esta associada a maiores níveis de satisfação conjugal (Butzer & Campbell, 2008; Mikulincer, Florian, Cowan, & Cowan 2002; Mikulincer & Shaver, 2007).

No ponto de vista de Overall & Simpson (2013); Simpson & Rholes (2012) o estilo de vinculação afeta não só a própria satisfação conjugal como também a satisfação conjugal do parceiro. Dito por outras palavras mesmo que um dos cônjuges tenha um estilo de vinculação seguro, a forma como pensa, sente e age numa relação (o modo como regula o seu comportamento, emoções e pensamentos) pode ser influenciado pelo próprio estilo de vinculação do parceiro.

Relativamente à relação entre o ajustamento conjugal e satisfação conjugal, Hammerschmidt, Kaslow, Norgen, Sharlin & Souza (2004) referem que as conjugalidades mais satisfeitas são mais funcionais, provavelmente pelo fato de haver uma maior coesão, proximidade assim como uma maior demonstração de afeto entre os cônjuges.

Pertinência do estudo, objetivos e hipóteses

Segundo Gotta et al (2011) é importante estudar os diferentes tipos de conjugalidades, nomeadamente a conjugalidade heterossexual.

No que concerne à conjugalidade homossexual Frazão (2012) refere que a maioria dos trabalhos sobre a conjugalidade homossexual efetuados em Portugal têm ainda um caráter residual e embora atravesse campos teóricos diversos como a psicologia e psiquiatria, a produção científica nesta área extravasa pouco o espaço da academia. Este mesmo autor reforça a importância de se continuar a realizar e a divulgar mais informação sobre a conjugalidade homossexual.

De um ponto de vista social, considera-se que os homens e mulheres vivem os afetos de forma diferente. Foram com estas as ideias que fomos crescendo e foram também a estes comportamentos que muitas pessoas assistiram nas suas famílias. Vários especialistas apontam para diferenças entre homens e mulheres ao nível da vinculação afetiva, mas não tão acentuadas ao ponto de justificar uma oposição tão grande entre homens e mulheres (Velez, 2012). Além disso, a emancipação da mulher é uma realidade, e cada vez mais as diferenças entre os homens e mulheres são menores, pelo que é importante realizar-se estudos que esclareçam as diferenças entre homens e mulheres (Sampaio, 2012).

Determinados autores como Mosmann & Wagner (2006) criticam o conceito de ajustamento conjugal pelo fato de ser impossível verificar a sua diferença com o conceito da satisfação conjugal. Isto deve-se ao fato de os diversos autores não explicitarem adequadamente os conceitos nos seus trabalhos e conseqüentemente torna-se difícil distinguir estas duas variáveis. Os dois termos são usados de forma indiferenciada com alguma frequência. Segundo Sabourin, Valois & Lussier (2005) circunscrever e avaliar essas dimensões de maneira rigorosa é necessário.

Alguns estudos sobre a conjugalidade que abordaram a vinculação (Ainsworth, 1985; Mikulincer & Shaver, 2007) e o ajustamento conjugal e a satisfação conjugal (Hammerschmidt, Kaslow, Norgen, Sharlin & Souza, 2004) têm verificado que estas três variáveis são fatores muito importantes para a relação conjugal. De notar que em Portugal não se encontrou nenhum estudo que relaciona-se as três variáveis vinculação, ajustamento conjugal e satisfação conjugal em simultâneo.

Assim neste estudo temos como objetivo verificar se existem correlações entre as dimensões da vinculação (ansiedade, conforto com a proximidade e confiança nos

outros), do ajustamento conjugal (coesão, satisfação, consenso e expressão de afeto) e da satisfação conjugal (funcionamento conjugal e amor) em heterossexuais e homossexuais. Tendo em conta a literatura descrita anteriormente, os estilos de vinculação influenciam os diversos aspetos da conjugalidade, como os ajustes e os níveis de satisfação. Além disso, uma vinculação segura está associada a níveis mais elevados de ajustamento e satisfação conjugal. Assim formula-se a **primeira hipótese**: existe uma relação positiva entre as dimensões da vinculação (conforto com a proximidade e confiança nos outros) com as dimensões do ajustamento e da satisfação conjugal e uma relação negativa entre a dimensão da vinculação (ansiedade) com as dimensões do ajustamento e da satisfação conjugal em heterossexuais e homossexuais.

Além disso, pretende-se verificar se em função da orientação sexual (heterossexual e homossexual) e do sexo (homem ou mulher) existem diferenças nas dimensões da vinculação, ajustamento e satisfação conjugal. No que concerne às diferenças entre as orientações sexuais, estudos mais recentes (Grenann & Tunnell, 2003) indicam que a forma como os homossexuais se vinculam ao parceiro/a poderá ser diferente à dos heterossexuais. Além disso, os homossexuais apresentam valores relativamente mais baixos que os heterossexuais ao nível do ajustamento conjugal. É apontado diferenças entre homens e mulheres ao nível da vinculação afetiva e também ao nível da satisfação conjugal. Tendo em conta estes aspetos formula-se a **segunda hipótese**: existem diferenças ao nível da orientação sexual (heterossexual e homossexual) e do sexo (homem e mulher) nas dimensões da vinculação, do ajustamento conjugal e da satisfação conjugal.

Considera-se pertinente analisar se as dimensões do ajustamento conjugal são mediadoras na relação entre as dimensões da vinculação e da satisfação conjugal em heterossexuais e homossexuais. Como tal coloca-se o seguinte **problema de investigação**: será que as dimensões do ajustamento conjugal são mediadoras na relação entre as dimensões da vinculação e da satisfação conjugal em heterossexuais e homossexuais?

Por último também considera-se pertinente realizar a **análise de conteúdo** de uma questão aberta que inquirimos aos participantes deste estudo: *“Pense na sua relação atual, caso não tenha, pense na sua relação anterior mais significativa. O que gostaria que mudasse na sua relação para se sentir mais feliz/ satisfeito?”*

Capítulo II - Método

O presente estudo é correlacional, pelo relacionamento linear entre as dimensões da vinculação, do ajustamento conjugal e da satisfação conjugal e é um estudo comparativo onde se pretende verificar se existem diferenças relativamente às dimensões da vinculação, do ajustamento e da satisfação conjugal em homens e mulheres e em homossexuais e heterossexuais.

Participantes

Participaram neste estudo 214 sujeitos, no entanto, excluíram-se 11 participantes, visto que tinham como orientação sexual a bissexualidade.

Tabela 1. Caraterização dos participantes

	N	%
Sexo		
Homens	89	43,8
Mulheres	114	56,2
Total	203	100,0
Idade		
18-25anos	144	70,9
26-35 anos	59	29,1
Total	203	100,0
Orientação Sexual		
Heterossexual	111	54,7
Homossexual	92	45,3
Total	203	100,0
Tempo de relacionamento		
1-3 Meses	17	8,4
3-6 Meses	15	7,4
6-12 Meses	42	20,7
12-24 Meses	52	25,6
> de 2 anos	77	37,9
Total	203	100,0

Vive com o parceiro		
Sim	44	21,7
Não	159	78,3
Total	203	100,0
Habilitações Literárias		
12º ano	54	26,6
Licenciatura	114	56,2
Mestrado	34	16,7
Doutoramento	1	,5
Total	203	100,0

Tabela 2. Número de homens e mulheres homossexuais e heterossexuais

	Orientação Sexual		
	Homossexual	Heterossexual	Total
	N (%)	N (%)	N (%)
Sexo			
Homem	60 (29,5)	29 (14,3)	89 (43,8)
Mulher	32 (15,8)	82 (40,4)	114 (56,2)
Total	92 (45,3)	111 (54,7)	203(100,0)

Instrumentos

A recolha de dados foi realizada recorrendo-se a quatro medidas. O primeiro instrumento utilizado foi um questionário sociodemográfico (Anexo B). Foram ainda utilizados os seguintes instrumentos.

1. Escala de Vinculação do Adulto (EVA)

A Escala de Vinculação do Adulto (EVA) foi adaptada à versão portuguesa por Cannavaro 1995 (Anexo C), da *Adult Attachment Scale* desenvolvida por Collins e Read em 1990. Este instrumento tem como intuito identificar os três padrões de vinculação adulta conhecidos como seguro, evitante e ansioso (Canavaro, 1999).

A escala é constituída por 18 itens que se organizam em três dimensões: 1) *Ansiedade* refere-se ao grau de ansiedade sentido pelo indivíduo nas relações e o receio

de ser abandonado ou de não ser amado, (ex. “*Preocupo-me frequentemente como a possibilidade de os meus parceiros me deixarem?*”); 2) *Conforto com a Proximidade*, avalia se o indivíduo se sente confortável com a proximidade e a intimidade (ex. “*Sinto-me bem quando me relaciono de forma próxima com os outros*”); 3) *Confiança nos Outros*, avalia se o indivíduo confia em outros sujeitos, (ex. “*Não tenho certeza de poder confiar nas pessoas quando precisar delas*”).

A resposta aos itens da escala é dada numa escala tipo Likert de 5 pontos, que varia desde 1 (nada característico em mim) a 5 (extremamente característico em mim).

No presente estudo obteve-se um alfa total, na escala global de 0.67. Na dimensão *Ansiedade* obteve-se uma média 2.6, desvio-padrão 0.81 e um alfa de 0.86. Na dimensão *Confiança com a proximidade*, inicialmente obtivemos um alfa abaixo do espetável e procedeu-se à eliminação do item 1 e do 6, ficando com um alfa de 0.57, uma média de 3.6 e desvio-padrão 0.61. Na dimensão *Confiança nos outros* também obtivemos um alfa abaixo do espetável e procedeu-se à eliminação dos itens 5 e 2, ficando assim com um alfa de 0.67, média de 3.6 e desvio padrão 0.70.

2. Escala de Ajustamento Diádico (EAD)

Relativamente ao ajustamento diádico foi utilizado o *Dyadic Adjustment Scale* (DAS), desenvolvido por Spanier (1976), que foi adaptado à versão portuguesa, Escala de Ajustamento Diádico (EAD) por Gomez & Leal (2008) (Anexo D).

O ajustamento conjugal é medido através de quatro dimensões: 1) *consenso* refere-se à concordância do casal perante as normas sociais; 2) *Satisfação*, comportamentos como pensamentos sobre divórcio, separação ou término do relacionamento; 3) *coesão*, refere-se ao sentimento de união e integração entre os conjugues e 4) *Expressão de Afeto*, perceção subjetiva acerca da concordância ou discordância do casal em questões de demonstração de afeto, carinho e desejo sexual.

O EAD é constituído por 32 itens. A resposta aos itens da escala é dada numa escala tipo Likert. A maioria dos itens tem seis opções de resposta, que são cotadas de 0 a 5 e variam entre “sempre em desacordo” a “sempre em acordo” ou então desde “sempre” a “nunca”. Dois itens têm como opção de resposta “sim” ou “não”. Nesta escala podemos encontrar questões como: “*Interesses e atividades nos tempos livres?*” “*Confia no seu companheiro?*” “*Costuma beijar o seu companheiro?*”.

No presente estudo obteve-se um alfa total, na escala global de 0.92. Na dimensão *Consenso* obteve-se uma média 3.6, desvio-padrão 0.68 e alfa 0.90; na *Satisfação* média 3.8, desvio-padrão 0.61 e alfa 0.82; na *Coesão* média 3.8, desvio-padrão 0.76 e alfa 0.71; e na *Expressão de Afeto* média 2.4, desvio-padrão 0.53 e alfa 0.64.

3. Escala de Avaliação da Satisfação Conjugal em Áreas da Vida Conjugal (EASAVIC).

A Escala de Avaliação da Satisfação em Áreas da Vida Conjugal (EASAVIC) foi construída em 1996, por Narciso e Costa (Anexo E).

A satisfação conjugal é medida através de duas dimensões: *Funcionamento Conjugal* que está organizado em cinco áreas da vida conjugal (tempos livres, autonomia, relações extrafamiliares, comunicação e o conflito), ou seja, é uma dimensão relativa ao modo como se organizam e regulam as relações ao nível conjugal e/ou familiar e as relações extrafamiliares; *Amor* que está organizada em cinco áreas (sentimentos e expressão de sentimentos, sexualidade, intimidade emocional, comunicação da relação e características físicas e psicológicas) ou seja, esta dimensão refere-se a sentimentos que cada um nutre pelo outro e/ou pela relação, estando pois presentes, de um modo mais ou menos explícito, atributos inerentes aos componentes essenciais como a paixão, intimidade e investimento/ compromisso (Narciso & Costa, 1996).

A EASAVIC é composta por 44 itens relativos à vida conjugal. Dos 44 itens da escala, 16 focam-se no casal, 14 apresentam como foco o outro e os restantes 14 itens são dirigidos ao próprio indivíduo. Trata-se de uma escala de autopreenchimento do tipo Likert com cinco hipóteses de resposta e que permite ao indivíduo avaliar a sua satisfação conjugal entre (1) nada satisfeito, (2) pouco satisfeito, (3) razoavelmente satisfeito, (4) satisfeito e (5) muito satisfeito. Esta escala apresenta questões como: “*Quanto ao que o(a) meu(minha) parceiro(a) sente por mim?*” “*Quanto aos nossos projetos para o futuro?*”

No presente estudo obteve-se um alfa total, na escala global de 0.96. Na dimensão *Funcionamento Conjugal* obteve-se média 3.6, desvio-padrão 0.63 e alfa de 0.92; e na dimensão *Amor* média de 3.9, desvio-padrão 0.67 e alfa de 0.95.

Procedimentos

Para a realização deste estudo foram escolhidos participantes que preenchem uma série de critérios determinados pelos objetivos da investigação, nomeadamente, terem uma orientação sexual heterossexual ou homossexual, que estivessem num relacionamento amoroso ou que já tivessem tido um relacionamento amoroso significativo. Nunca terem tido um relacionamento foi um fator de exclusão.

Os questionários foram colocados via online. Diversos estudos realizados relativamente à comparação entre os dois principais modos de coleta de dados, questionário impresso e questionário online, mostram não haver diferenças entre eles relativamente aos resultados (Fleming & Bowden, 2009; Zuidgeest, Hendriks, Koopman & Spreeuwenberg, 2011; Deshpande, Sampang, Smith, 2010; Callas, Solomon, Hughes, Livingston, 2010).

O questionário online aplicado iniciava com o consentimento informado (Anexo A), e com a pergunta se concordavam ou não participar no estudo.

Utilizou-se uma série de plataformas online, com a finalidade de obter o maior número de participantes. Recorreu-se ao *Facebook*, ao *Messenger*, para uma maior divulgação do trabalho. Também utilizou-se o e-mail.

No que concerne aos participantes homossexuais e atendendo às dificuldades em obter respostas, pedimos a conhecidos que nos permitissem entrar em determinados grupo online LGBT, ao qual nos foi cedida a entrada, para conseguirmos obter questionários de participantes homossexuais.

Depois de recolhidos os dados, estes foram inseridos numa base de dados para serem analisados. A análise foi realizada com o software SPSS (Statistical Package for Social Science), versão 24.0.

Capítulo III - Resultados

Neste capítulo dos resultados começamos por responder à primeira hipótese e para tal realizou-se uma correlação de Pearson.

No que concerne à dimensão ansiedade, obteve-se uma relação negativa com todas as outras dimensões, verificando-se que quanto menor for a ansiedade, maior será o Ajustamento Conjugal e Satisfação Conjugal. Relativamente às dimensões conforto e confiança obteve-se uma relação positiva com as restantes dimensões.

No que concerne às dimensões do Ajustamento Conjugal e as da Satisfação conjugal, constata-se que todas as relações são positivas e moderadas/ fortes, o que sugere que as variáveis Ajustamento Conjugal e a Satisfação Conjugal estão altamente correlacionadas (tabela 3).

Tabela 3. Correlações entre as variáveis em estudo com todos os sujeitos

		1.	2.	3.	4.	5.	6.	7.	8.	9.
Vinculação	1.Ansiedade	1								
	2.Conforto com a proximidade	-.23**	1							
	3.Confiança nos outros	-.59**	.40**	1						
Ajustamento Conjugal	4.Consenso	-.23**	.27**	.28**	1					
	5.Satisfação	-.24**	.30**	.22**	.56**	1				
	6.Coesão	-.10**	.28**	.10**	.44**	.50**	1			
	7.Expressão de Afeto	-.29**	.27**	.26**	.72**	.59**	.48**	1		
Satisfação C.	8.Funcionamento Conjugal	-.19**	.24**	.21**	.57**	.55**	.52**	.57**	1	
	9.Amor	-.20**	.33**	.25**	.57**	.66**	.55**	.62**	.83**	1

**p value < 0.01

Com o objetivo de analisar as correlações nos dois grupos (heterossexuais e homossexuais) começamos por analisar os heterossexuais.

Os resultados mostram que a dimensão ansiedade não se correlaciona com as dimensões da satisfação conjugal e que relaciona-se negativamente com as outras dimensões do estudo. As dimensões conforto e confiança (da vinculação) correlacionam-se positivamente com as outras dimensões. Relativamente à dimensão coesão não se correlaciona com as dimensões da vinculação. Constatamos que nos heterossexuais as dimensões do Ajustamento Conjugal e da Satisfação Conjugal correlacionam-se positiva e moderadamente (tabela 4).

Tabela 4. Correlações entre todas as dimensões em heterossexuais

		1.	2.	3.	4.	5.	6.	7.	8.	9.
Vinculação	1. Ansiedade	1								
	2. Conforto com a proximidade	-.23*	1							
	3. Confiança nos outros	-.52**	.58**	1						
Ajustamento Conjugal	4. Consenso	-.32**	.21*	.39**	1					
	5. Satisfação	-.24*	n.s	.24*	.55**	1				
	6. Coesão	n.s	n.s	n.s	.48**	.42**	1			
	7. Expressão de Afeto	-.33**	.26**	.37**	.79**	.53**	.46**	1		
Satisfação C.	8. Funcionamento Conjugal	n.s	.25**	.27**	.59**	.56**	.54**	.57**	1	
	9. Amor	n.s	.26**	.29**	.52**	.60**	.50**	.59**	.82**	1

*p value < 0.05 **p value < 0.01 n.s – não é estatisticamente significativo

No que concerne à relação das variáveis no grupo dos homossexuais, constata-se que contrariamente aos heterossexuais a dimensão da Ansiedade, correlaciona-se negativamente com as dimensões da Satisfação Conjugal, sugerindo que para os participantes homossexuais a ansiedade é determinante nos níveis de satisfação conjugal e portanto quanto menor é a ansiedade maior são os níveis de satisfação conjugal.

Nos homossexuais destaca-se, contrariamente aos heterossexuais, o fato de a confiança nos outros não se correlacionar nem com as dimensões do ajustamento conjugal, nem com as dimensões da satisfação conjugal.

Conclui-se também que no grupo dos homossexuais o Ajustamento Conjugal e a Satisfação Conjugal correlacionam-se positiva e moderadamente/forte (tabela 5).

Tabela 5. Correlações entre todas as variáveis em homossexuais

		1.	2.	3.	4.	5.	6.	7.	8.	9.
Vinculação	1.Ansiedade	1								
	2.Conforto com a proximidade	-.23*	1							
	3.Confiança nos outros	-.70**	n.s	1						
Ajustamento Conjugal	4.Consenso	n.s	.25*	n.s	1					
	5.Satisfação	-.24*	.42**	n.s	.53**	1				
	6.Coesão	n.s	.44**	n.s	.38**	.60**	1			
	7.Expressão de Afeto	-.24*	.24*	n.s	.64**	.64**	.49**	1		
Satisfação C.	8.Funcioname Conjugal	-.21*	.26*	n.s	.58**	.57**	.51**	.57**	1	
	9.Amor	-.26*	.36**	n.s	.59**	.70**	.60**	.64**	.86**	1

*p value < 0.05

**p value < 0.01

n.s – não é estatisticamente significativo

De seguida fomos analisar a segunda hipótese “Existem diferenças ao nível da orientação sexual (heterossexual e homossexual) e do sexo (homem e mulher) nas dimensões da vinculação, ajustamento conjugal e da satisfação conjugal” e para tal procedeu-se à realização de uma ANOVA.

No que concerne às dimensões da vinculação, nomeadamente na dimensão conforto com a proximidade verificou-se um efeito principal ao nível do sexo, sendo o grupo das mulheres a apresentar valores mais elevados (tabela 6). Nesta dimensão não existem feitos de interação. Relativamente às dimensões ansiedade e confiança nos outros não se verificaram efeitos principais nem efeitos de interação.

Tabela 6. Média dos sujeitos no efeito principal ao nível do sexo na dimensão conforto com a proximidade

		Médias
Sexo	Homens	3.49
	Mulheres	3.65
$F(3,246) = 9.207; p = 0.003$		

Relativamente às dimensões do ajustamento conjugal verificou-se que existe um efeito principal ao nível da orientação sexual nas dimensões consenso, satisfação e coesão. As médias observadas (tabela 7, 8 e 9) indicam que os sujeitos heterossexuais apresentam valores mais elevados nas três dimensões. Além disso, verificou-se um efeito principal ao nível do sexo na dimensão coesão, sendo os homens que apresentam valores mais elevados (tabela 9).

Constatou-se também que não existem efeitos de interação nas quatro dimensões do ajustamento conjugal.

Tabela 7. Média dos sujeitos no efeito principal ao nível da orientação sexual na dimensão consenso

		Médias
Orientação Sexual	Heterossexuais	3.74
	Homossexuais	3.49
$F(3,310) = 7.344; p = 0.007$		

Tabela 8. Média dos sujeitos no efeito principal ao nível da orientação sexual na dimensão satisfação

		Médias
Orientação Sexual	Heterossexuais	3.92
	Homossexuais	3.63
$F(3.412) = 9.742; p = 0.002$		

Tabela 9. Média dos sujeitos nos efeitos principais ao nível da orientação sexual e do sexo na dimensão coesão

		Médias
Orientação Sexual	Heterossexuais	3.87
	Homossexuais	3.71
$F(3.266) = 5.895; p = 0.016$		
Sexo	Homens	3.89
	Mulheres	3.73
$F(3.156) = 5.697; p = 0.018$		

No que diz respeito às dimensões da satisfação conjugal, verificou-se que existe apenas um efeito principal ao nível da orientação sexual na dimensão amor. As médias (tabela 10) indicam que são os heterossexuais que apresentam valores mais elevados na dimensão amor. Não existem efeitos de interação.

Tabela 10. Média dos sujeitos no efeito principal ao nível da orientação sexual na dimensão Amor

		Médias
Orientação Sexual	Heterossexuais	4.00
	Homossexuais	3.80
$F(1.755) = 3.953; p = 0.048$		

De seguida iremos analisar os efeitos de mediação no seguinte problema de investigação: Será que as dimensões do ajustamento conjugal são mediadoras na relação entre as dimensões da vinculação e da satisfação conjugal, em heterossexuais e homossexuais?

Mediação relativa aos participantes heterossexuais

Para a mediação com os heterossexuais não se considerou a dimensão ansiedade (da vinculação), uma vez que, como já tínhamos visto anteriormente na Tabela 4. esta dimensão não se correlaciona com as dimensões da satisfação conjugal. Feita a análise de regressão com a dimensão conforto com a proximidade (da vinculação), verificou-se que esta não tem uma relação significativa com a dimensão mediadora. Também não se considerou a dimensão coesão (do ajustamento conjugal), uma vez que esta dimensão não se correlaciona com as dimensões da vinculação. Assim fomos analisar:

Consenso enquanto dimensão mediadora na relação entre a dimensão confiança nos outros e a dimensão funcionamento conjugal nos Heterossexuais?

Seguiu-se o método proposto por Baron e Kenny (1986). A primeira condição diz respeito à necessidade de se verificar numa primeira análise de regressão, um efeito significativo entre a dimensão independente (confiança nos outros) e a dimensão mediadora (consenso). Verificámos que estas dimensões se relacionam de forma significativa ($\beta=.33$) pelo que a primeira condição se verifica (Figura 1).

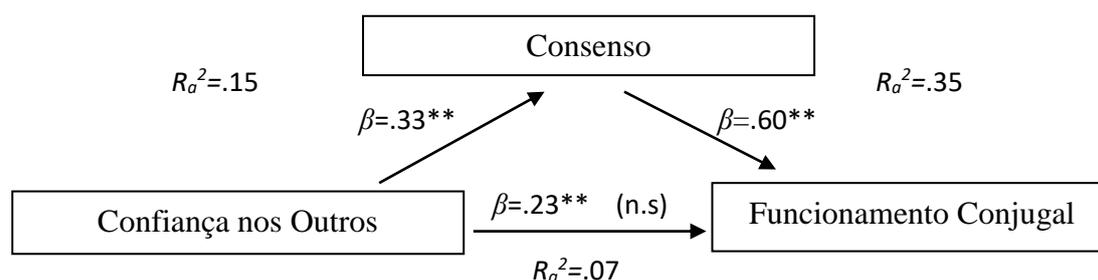
A segunda condição é necessário a realização de uma nova análise de regressão linear entre a dimensão independente (confiança nos outros) e a dimensão dependente (funcionamento conjugal), onde constatamos que a confiança nos outros tem um impacto no funcionamento conjugal ($\beta=.23$).

A terceira condição implica que a dimensão mediadora (consenso) mantenha um efeito significativo na dimensão dependente (funcionamento conjugal), o que sucedeu ($\beta=.60$, $p=.000$, $R_a^2=.35$), verificando-se assim, a terceira condição.

Por último o efeito da dimensão independente (confiança nos outros) na dimensão dependente (funcionamento conjugal) nesta última análise de regressão linear deve diminuir. Quando a dimensão mediadora consenso é introduzida na equação o efeito da confiança nos outros na dimensão funcionamento conjugal diminuiu ($\beta=.038$, $p=.596$) tornando-se não significativo e garantindo a última condição.

Posteriormente realizamos o teste Z de Sobel, através do qual verificamos que a diminuição do efeito da dimensão confiança nos outros na dimensão funcionamento conjugal é estatisticamente significativa ($Z=3.797$, $p=.000$). Logo a relação entre a confiança nos outros e o funcionamento conjugal é totalmente mediada pelo consenso (figura 1).

Figura 1: Mediação 1 relativa aos heterossexuais



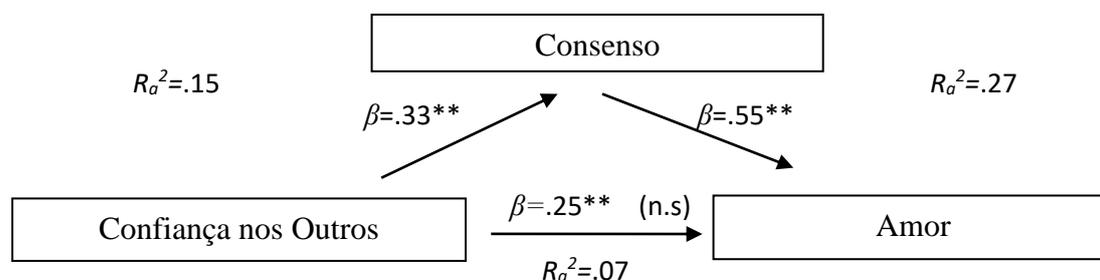
* pvalue < 0.05 ** pvalue < 0.01 n.s – não é estatisticamente significativo

Consenso enquanto dimensão mediadora na relação entre a dimensão confiança nos outros e a dimensão amor nos Heterossexuais?

Repetiu-se o processo anteriormente descrito, tendo desta vez como dimensão dependente a dimensão amor (do ajustamento conjugal). Verificou-se que: 1) a dimensão confiança nos outros se relaciona de forma significativa com a dimensão consenso ($\beta=.33$); 2) a dimensão confiança nos outros tem um impacto significativo na dimensão amor ($\beta=.25$); 3) a dimensão consenso mantém um efeito significativo na dimensão amor ($\beta=.55, p=.000, R_a^2=.27$); 4) quando a dimensão mediadora (consenso) é introduzida na equação o efeito da dimensão confiança nos outros na dimensão amor diminui tornando-se não significativo ($\beta=0.82, p=.291$).

Posteriormente realizamos o teste Z de Sobel e concluímos que a diminuição do efeito da dimensão confiança nos outros na dimensão amor é significativa ($Z= 3.691, p=.000$). Portanto a dimensão consenso (do ajustamento conjugal) é totalmente mediadora na relação entre a dimensão confiança nos outros (da vinculação) e a dimensão amor (da satisfação conjugal) nos heterossexuais (figura 2).

Figura 2: Mediação 2 relativa aos heterossexuais



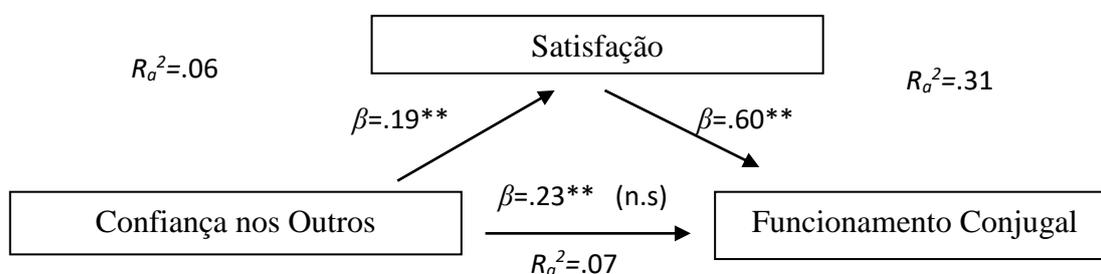
* pvalue < 0.05 ** pvalue < 0.01 n.s – não é estatisticamente significativo

Satisfação enquanto dimensão mediadora na relação entre a dimensão confiança nos outros e a dimensão funcionamento conjugal nos Heterossexuais?

Desta vez considerou-se como dimensão mediadora, a satisfação (do ajustamento conjugal), a dimensão independente confiança nos outros (da vinculação) e a dimensão dependente o funcionamento conjugal (da satisfação conjugal). Verificou-se que: 1) a dimensão confiança nos outros se relaciona de forma significativa com a dimensão satisfação ($\beta=.19$); 2) a dimensão confiança nos outros tem um impacto significativo na dimensão funcionamento conjugal ($\beta=.23$); 3) a dimensão satisfação mantém um efeito significativo na dimensão funcionamento conjugal ($\beta=.60$, $p=.000$, $R_a^2=.31$); 4) quando a dimensão mediadora (satisfação) é introduzida na equação o efeito da dimensão confiança nos outros na dimensão funcionamento conjugal diminui tornando-se não significativo ($\beta=.137$, $p=.110$).

Realizamos o teste Z de Sobel e verificamos que a diminuição do efeito da dimensão confiança nos outros na dimensão funcionamento conjugal é significativa ($Z=2.384$, $p=.171$). Portanto a dimensão satisfação (do ajustamento conjugal) é totalmente mediadora na relação entre a dimensão confiança nos outros (da vinculação) e a dimensão funcionamento conjugal (da satisfação conjugal) nos heterossexuais (figura 3).

Figura 3. Mediação 3 relativa aos heterossexuais



* pvalue < 0.05 ** pvalue < 0.01 n.s – não é estatisticamente significativo

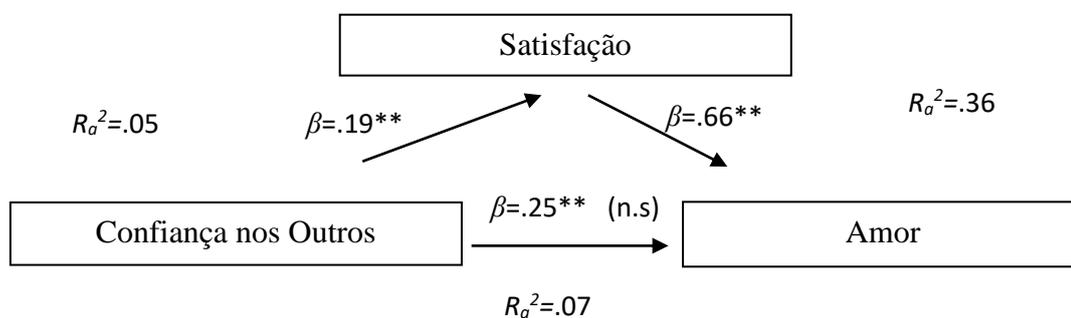
Satisfação enquanto dimensão mediadora na relação entre a dimensão confiança nos outros e a dimensão amor nos Heterossexuais?

Desta vez considerou-se como dimensão dependente o amor (da satisfação conjugal). Verificou-se que: 1) a dimensão confiança nos outros se relaciona de forma significativa com a dimensão satisfação ($\beta=.19$); 2) a dimensão confiança nos outros tem um impacto significativo na dimensão amor ($\beta=.25$); 3) a dimensão satisfação mantém um efeito significativo na dimensão amor ($\beta=.66$, $p=.000$, $R_a^2=.36$); 4) quando

introduzida na equação a dimensão mediadora (satisfação), o efeito da dimensão confiança nos outros na dimensão amor diminui tornando-se não significativo ($\beta=.141$, $p=.09$).

Realizou-se o teste Z de Sobel e verificou-se que a diminuição do efeito da dimensão confiança nos outros na dimensão amor é significativa ($Z= 2.408$, $p=0.016$). Portanto a dimensão satisfação (do ajustamento conjugal) é totalmente mediadora na relação entre a dimensão confiança nos outros (da vinculação) e a dimensão amor (da satisfação conjugal) nos heterossexuais (figura 4).

Figura 4. Mediação 4 relativa aos heterossexuais



* pvalue < 0.05 ** pvalue < 0.01 n.s – não é estatisticamente significativo

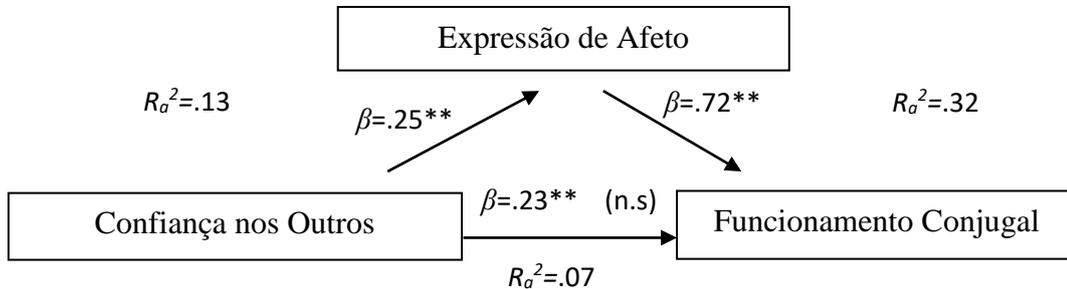
Expressão de Afeto enquanto dimensão mediadora na relação entre a dimensão confiança nos outros e a dimensão funcionamento conjugal em heterossexuais?

Posteriormente considerou-se como dimensão mediadora, a expressão de afeto (do ajustamento conjugal), a dimensão independente confiança nos outros (da vinculação) e a dimensão dependente o funcionamento conjugal (da satisfação conjugal). Verificou-se que: 1) a dimensão confiança nos outros se relaciona de forma significativa com a dimensão expressão de afeto ($\beta=.25$); 2) a dimensão confiança nos outros tem um impacto significativo na dimensão funcionamento conjugal ($\beta=.23$); 3) a dimensão expressão de afeto mantém um efeito significativo na dimensão funcionamento conjugal ($\beta=.72$, $p=.000$, $R_a^2=.32$); 4) quando introduzida na equação a dimensão mediadora (expressão de afeto) o efeito da dimensão confiança nos outros na dimensão funcionamento conjugal diminui tornando-se não significativo ($\beta=.058$, $p=.420$).

Realizou-se o teste Z de Sobel e verificou-se que a diminuição do efeito da dimensão confiança nos outros na dimensão funcionamento conjugal é significativa ($Z=3.615$, $p=.000$). Portanto a dimensão expressão de afeto (do ajustamento conjugal) é

totalmente mediadora na relação entre a dimensão confiança nos outros (da vinculação) e a dimensão funcionamento conjugal (da satisfação conjugal) nos heterossexuais (figura 5).

Figura 5: Mediação 5 relativa aos heterossexuais



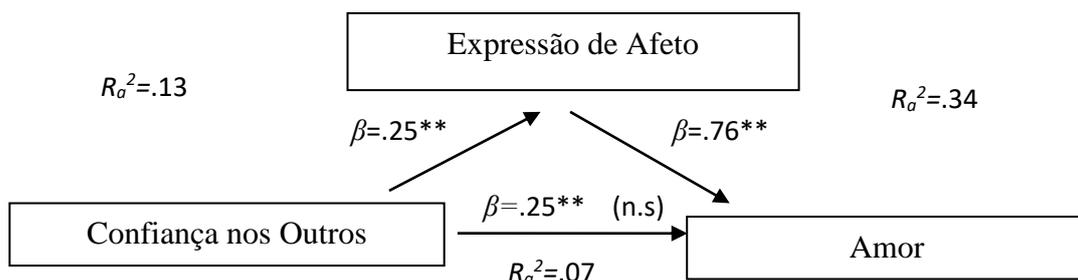
* pvalue < 0.05 ** pvalue < 0.01 n.s – não é estatisticamente significativo

Expressão de Afeto enquanto dimensão mediadora na relação entre a dimensão confiança nos outros e a dimensão amor em heterossexuais?

Desta vez tivemos como variável dependente a dimensão amor (da satisfação conjugal). Verificou-se que: 1) a dimensão confiança nos outros se relaciona de forma significativa com a dimensão expressão de afeto ($\beta = .25$); 2) a dimensão confiança nos outros tem um impacto significativo na dimensão amor ($\beta = .25$); 3) a dimensão expressão de afeto mantém um efeito significativo na dimensão amor ($\beta = .76$, $p = .000$, $R_a^2 = .34$); 4) quando introduzida na equação a dimensão mediadora (expressão de afeto) o efeito da dimensão confiança nos outros na dimensão amor diminui tornando-se não significativo ($\beta = .070$, $p = .342$).

Realizou-se o teste Z de Sobel e verificou-se que a diminuição do efeito da dimensão confiança nos outros na dimensão amor é significativa ($Z = 3.653$, $p = .000$). Portanto a dimensão expressão de afeto (do ajustamento conjugal) é totalmente mediadora na relação entre a dimensão confiança nos outros (da vinculação) e a dimensão amor (da satisfação conjugal) nos heterossexuais (figura 6).

Figura 6: Mediação 6 relativa aos heterossexuais



* pvalue < 0.05 ** pvalue < 0.01 n.s – não é estatisticamente significativa

Mediação relativamente aos homossexuais

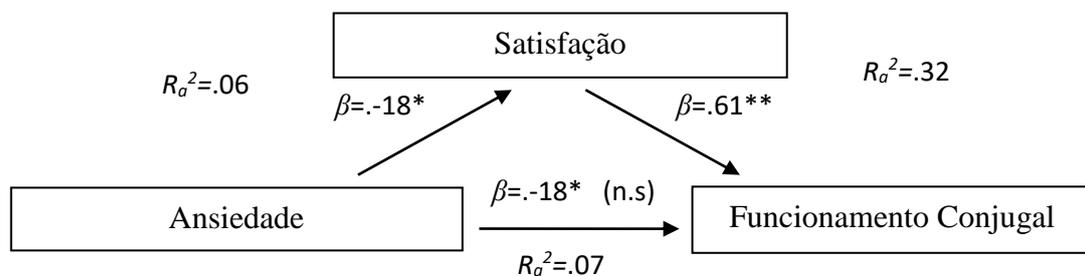
Para a mediação com os homossexuais não se considerou a dimensão confiança nos outros (da vinculação) porque como vimos na Tabela 5, esta dimensão não se correlaciona com as dimensões do ajustamento conjugal nem as da satisfação conjugal. Por fim, não se considerou as dimensões consenso nem coesão (do ajustamento conjugal), uma vez que apenas se correlacionam com uma dimensão da vinculação.

Satisfação enquanto dimensão mediadora na relação entre a dimensão ansiedade e funcionamento conjugal em homossexuais?

Verificou-se que 1) a dimensão ansiedade e satisfação se relacionam de forma significativa ($\beta=-.18$), 2) a ansiedade tem um impacto no funcionamento conjugal ($\beta=-.18$) 3) a satisfação está fortemente associada com o funcionamento conjugal ($\beta=.61$, $p=.000$, $R_a^2=.32$). 4) quando introduzida na equação a dimensão mediadora (satisfação) constatamos que o efeito da dimensão ansiedade na dimensão funcionamento conjugal sofreu uma redução substancial ($\beta=-.067$, $p=.358$) tornando-se não significativo, garantindo a última condição.

Realizou-se o teste Z de Sobel e verificou-se que a diminuição do efeito da dimensão ansiedade na dimensão funcionamento conjugal é significativa ($Z= -2.177$, $p=.029$). Portanto concluímos que a dimensão satisfação (do ajustamento conjugal) é totalmente mediadora na relação entre a dimensão ansiedade (da vinculação) e a dimensão funcionamento conjugal (da satisfação conjugal) em homossexuais (figura 7).

Figura 7: Mediação 1 relativa aos homossexuais



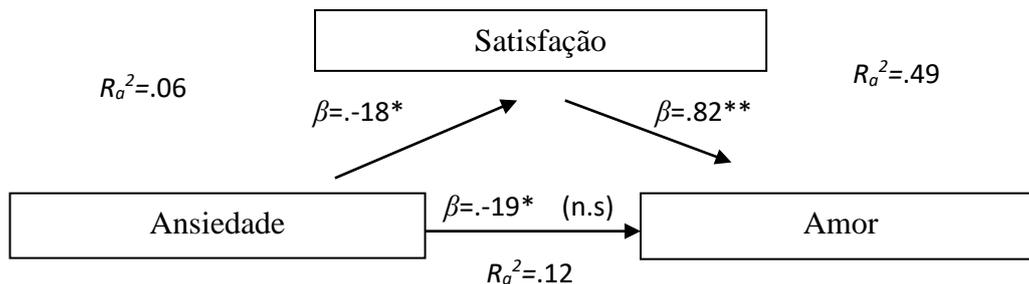
* pvalue < 0.05 ** pvalue < 0.01 n.s – não é estatisticamente significativo

Satisfação enquanto dimensão mediadora na relação entre a dimensão ansiedade e a dimensão amor em homossexuais?

Repetiu-se o mesmo processo anteriormente descrito, tendo desta vez como dimensão dependente a dimensão amor (do ajustamento conjugal). Verificou-se que: 1) a dimensão ansiedade se relaciona de forma significativa com a dimensão satisfação ($\beta=-.15$); 2) a dimensão ansiedade tem um impacto significativo na dimensão amor ($\beta=-.19$); 3) a dimensão satisfação mantém um efeito significativo na dimensão amor ($\beta=.82$, $p=.000$, $R_a^2=.49$); 4) quando introduzida na equação a dimensão mediadora (satisfação) o efeito da dimensão ansiedade na dimensão amor diminui tornando-se não significativo ($\beta=-.090$, $p=.192$).

Realizamos o teste Z de Sobel e verificamos que a diminuição do efeito da dimensão ansiedade na dimensão amor é significativa ($Z= -2.24$, $p=.025$). Portanto a dimensão satisfação (do ajustamento conjugal) é mediadora na relação entre a dimensão ansiedade (da vinculação) e a dimensão amor (da satisfação conjugal) nos homossexuais (figura 8).

Figura 8: Mediação 2 relativa aos homossexuais



* pvalue < 0.05 ** pvalue < 0.01 n.s – não é estatisticamente significativo

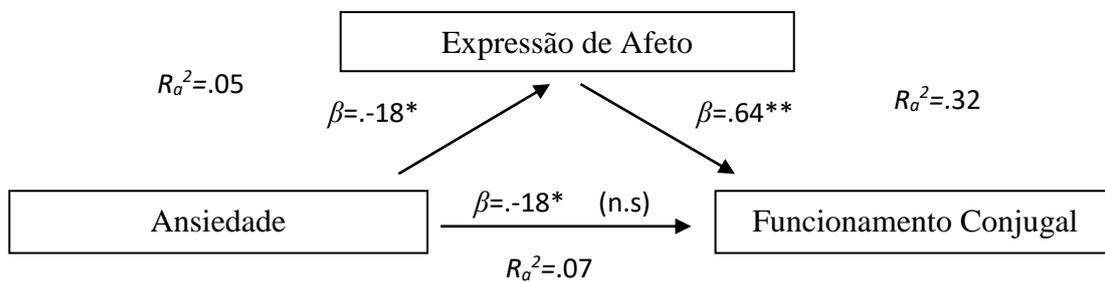
Expressão de afeto enquanto dimensão mediadora na relação entre a dimensão ansiedade e a dimensão funcionamento conjugal em homossexuais?

Repetiu-se o processo descrito, tendo desta vez como dimensão mediadora, a expressão de afeto (do ajustamento conjugal), a dimensão independente, ansiedade (da vinculação) e a dimensão dependente o funcionamento conjugal (da satisfação conjugal). Verificamos que: 1) a dimensão ansiedade se relaciona de forma significativa com a dimensão expressão de afeto ($\beta=-.18$); 2) a dimensão ansiedade tem um impacto significativo na dimensão funcionamento conjugal ($\beta=-.18$); 3) a dimensão expressão de afeto mantém um efeito significativo na dimensão funcionamento conjugal ($\beta=.64$, $p=.000$, $R_a^2=.32$); 4) quando introduzimos a dimensão mediadora na equação (expressão

de afeto) o efeito da dimensão ansiedade na dimensão amor diminui tornando-se não significativo ($\beta=-.066$, $p=.369$).

Realizou-se o teste Z de Sobel e verificou-se que a diminuição do efeito da dimensão ansiedade na dimensão funcionamento conjugal é significativa ($Z=-2.279$, $p=.022$). Portanto a dimensão expressão de afeto (do ajustamento conjugal) é totalmente mediadora na relação entre a dimensão ansiedade (da vinculação) e a dimensão funcionamento conjugal (da satisfação conjugal) nos homossexuais (figura 9).

Figura 9: Mediação 3 relativa aos homossexuais



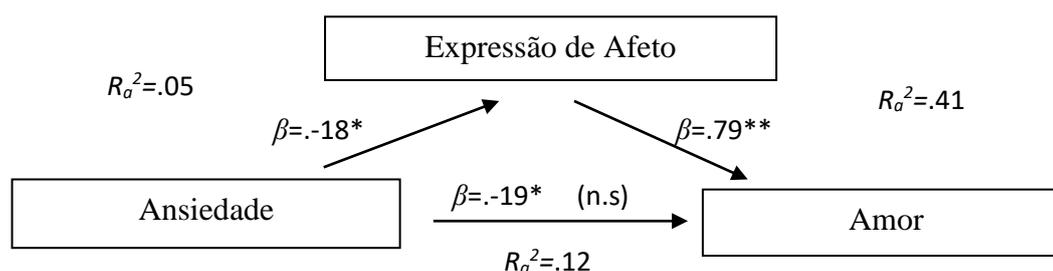
* pvalue < 0.05 ** pvalue < 0.01 n.s – não é estatisticamente significativo

Expressão de afeto enquanto dimensão mediadora na relação entre a dimensão ansiedade e a dimensão amor em homossexuais?

Posteriormente considerou-se como dimensão dependente o amor (da satisfação conjugal). Verificamos que: 1) a dimensão ansiedade se relaciona de forma significativa com a dimensão expressão de afeto ($\beta=-.18$); 2) a dimensão ansiedade tem um impacto significativo na dimensão amor ($\beta=-.19$); 3) a dimensão expressão de afeto mantém um efeito significativo na dimensão amor ($\beta=.79$, $p=.000$, $R_a^2=.41$); 4) quando introduzimos na equação a dimensão mediadora (expressão de afeto) o efeito da dimensão ansiedade na dimensão amor diminui tornando-se não significativo ($\beta=-.102$, $p=.170$).

Realizou-se o teste Z de Sobel e verificou-se que a diminuição do efeito da dimensão ansiedade na dimensão amor é significativa ($Z=-2,326$, $p=.019$). Portanto a dimensão expressão de afeto (do ajustamento conjugal) é totalmente mediadora na relação entre a dimensão ansiedade (da vinculação) e a dimensão amor (da satisfação conjugal) nos homossexuais (figura 10).

Figura 10: Mediação 4 relativa aos homossexuais



* pvalue < 0.05 ** pvalue < 0.01 n.s – não é estatisticamente significativo

No presente trabalho foi feita a análise de conteúdo de uma questão aberta “Pense na sua relação atual, caso não tenha, pense na sua relação anterior mais significativa. O que gostaria que mudasse na sua relação para se sentir mais feliz/satisfeito?”

Na perspectiva de Pinto e Grawitz (1964) para que a análise de conteúdo seja válida é necessário que qualquer forma de subjectividade seja anulada. Primeiramente e com o objetivo de anular a subjectividade da categorização realizada, foi feita uma apresentação numa das aulas da dissertação da tese, acerca da categorização realizada, para em conjunto com a turma discutirmos as categorias e assim eliminar ao máximo a subjectividade do investigador.

Esta análise de conteúdo baseou-se no Modelo de Satisfação Conjugal (Narciso, 2001). Na tabela 11 incluímos as respostas obtidas à questão anteriormente mencionada. Dos 203 participantes, 37 responderam que não mudariam nada na sua relação, logo não foram incluídos na categorização.

Tabela 11. Categorização, segundo o Modelo de Satisfação Conjugal de Narciso, 2001.

Categoria 1: Fatores Centrípetos

I Conteúdos cognitivos

Significados

Resposta: Interesses em Comum (3 Hetero, 2 Homo)

Resposta: Próprias inseguranças (2 Hetero, 0 Homo)

Expetativas

Resposta: Terminar a relação/ mudava tudo (5 hetero, 3 homo)

Resposta: Sair da Rotina (2 hetero, 0 Homo)

II Conteúdos emocionais, efetivos

Valores

Resposta: Honestidade/ Confiança/ Fidelidade (10 Hetero, 8 Homo)

Afeto

Resposta: Mais demonstração de Afetos/ amor/ mais atenção (6 Hetero, 10 Homo)

Sexualidade

Resposta: Mais relações sexuais (1 Hetero, 2 Homo)

Resposta: Atributos Sexuais do Parceiro (3 Hetero, 0 Homo)

III Conteúdos comportamentais

Gestão do controlo e responsabilidades.

Resposta: Ter mais dinheiro (6 Hetero, 5 Homo)

Comunicação e expressão.

Resposta: Compreensão/ melhor comunicação (19 Hetero, 15 Homo)

Categoria 2: Fatores Centrífugos/ Externos

I Experiências e vivências com as respetivas famílias de origem

Resposta: Família aceitasse (0 Hetero, 5 Homo)

II Os aspetos profissionais de cada um

Resposta: Problemas no trabalho (2 Hetero, 0 Homo)

Resposta: Mais tempo livre / realizar atividades em conjunto (16 Hetero, 5 Homo)

III A cultura em que a conjugalidade está inserida

Resposta: Preconceito (0 Hetero, 14 Homo)

Categoria 3: Fator Tempo

I Etapas vistas como normativas ao longo do ciclo de vida.

Resposta: Viver Juntos/ Ter uma casa (8 Hetero, 8 Homo)

Resposta: Ter um filho (3 Hetero, 3 Homo)

Observação: “Hetero” - Heterossexuais e “Homo” - Homossexuais

Verificou-se que quer em heterossexuais e homossexuais são os fatores centrípetos aqueles que têm um impacto mais negativo na satisfação conjugal e em contrapartida são os fatores tempo aqueles que têm um impacto menos negativo na satisfação conjugal em ambas as conjugalidades (tabela12).

Tabela 12. Frequência dos Fatores Centrípetos, Centrífugos e Tempo em Heterossexuais e Homossexuais

	N	%
Fatores Centrípetos		
Heterossexuais	57	34
Homossexuais	45	27
Fatores Centrífugos		
Heterossexuais	18	11
Homossexuais	24	14
Fator Tempo		
Heterossexuais	11	7
Homossexuais	11	7
Total	166	100

Discussão

De seguida, vamos prosseguir com a discussão dos resultados obtidos na presente investigação.

Como primeira hipótese tínhamos que existe uma relação positiva entre as dimensões da vinculação (conforto com a proximidade e confiança nos outros) com as dimensões do ajustamento e da satisfação conjugal e uma relação negativa entre a dimensão da vinculação (ansiedade) com as dimensões do ajustamento e da satisfação conjugal em heterossexuais e homossexuais. Primeiramente realizamos a correlação de todas as dimensões com todos os participantes e constatamos que todas as dimensões estão correlacionadas como previsto, indo ao encontro do estudo de Simpson & Rholes (2012). Esta hipótese foi confirmada quando realizada a correlação com todos os participantes.

Porém quando realizamos a correlação de todas as dimensões separadamente nos dois grupos (heterossexuais e homossexuais) esta hipótese não se confirmou.

Nos heterossexuais concluímos conforme o esperado, que a dimensão ansiedade (que remete para uma vinculação insegura) tem uma relação negativa com as dimensões do ajustamento conjugal e portanto quanto menor for os níveis na dimensão ansiedade, maior serão os níveis das dimensões do ajustamento conjugal, o que vai ao encontro do trabalho realizado por Mikulincer & Shaver (2007). No entanto a dimensão ansiedade (vinculação insegura) não se correlaciona com as dimensões da satisfação conjugal. Nos heterossexuais comparativamente aos homossexuais existem níveis mais elevados de confiança ao par amoroso (i.e. modelo positivo de si e do outro) Sepodes (2014), o que resulta num menor evitamento e menor ambivalência ao par amoroso e portanto tendem a perceber a relação como mais positiva.

Além disso, nos heterossexuais a dimensão coesão (sentimentos de união e integração entre os cônjuges) do ajustamento conjugal não se correlaciona com as dimensões da vinculação. De acordo com Mosmann, Lomando & Wagner (2010), o sexo dos cônjuges poderá ter uma influência na coesão deste tipo de conjugalidade. O fato de na conjugalidade homossexual os cônjuges serem do mesmo sexo (fato de serem dois homens e duas mulheres), faz com que haja mais sentimentos de união entre os cônjuges comparativamente aos heterossexuais.

No que concerne aos homossexuais salienta-se o fato de a dimensão confiança nos outros (se o sujeito confia nos outros, assim como se este está disponível quando

estes necessitam dessa mesma confiança) não se correlacionar nem com as dimensões do ajustamento conjugal nem com as dimensões da satisfação conjugal. Nos homossexuais existe uma forte tendência para a desconfiança Sepodes (2014), ambivalência e evitamento ao par amoroso. Isto poderá ser resultado de na conjugalidade homossexual existir a conotação negativa e errada de que nos relacionamentos homossexuais é mais recorrente a infidelidade, aumentando conseqüentemente os sentimentos de desconfiança ao outro.

Verificamos que tanto nos heterossexuais como nos homossexuais as dimensões do ajustamento conjugal e da satisfação conjugal correlacionam-se positiva e moderadamente, o que vai ao encontro do estudo realizado por Hammerschmidt, Kaslow, Norgen, Sharlin & Souza (2004). Isto deve-se ao fato de as conjugalidades mais satisfeitas serem mais funcionais pelo fato de realizarem os devidos ajustes nas relações. O que torna uma relação mais satisfatória poderá ser resultado de uma maior coesão (dimensão do ajustamento conjugal), maior proximidade entre os parceiros, assim como uma maior demonstração de afeto entre os cônjuges.

A segunda hipótese postula que existem diferenças ao nível da orientação sexual (heterossexual e homossexual) e do sexo (homem e mulher) nas dimensões da vinculação, do ajustamento conjugal e da satisfação conjugal. Esta hipótese não se confirmou na totalidade.

No que concerne à orientação sexual não se verificou diferenças ao nível das dimensões da vinculação, sugerindo que a forma como os indivíduos homossexuais e heterossexuais se vinculam nas suas relações afetivas é semelhante, indo ao encontro do estudo realizado por Ainsworth (1985). A forma como o sujeito se vincula nas suas relações afetivas depende da vinculação mais primitiva, ou seja da vinculação parental, e não da orientação sexual do sujeito.

Não obstante, foram encontradas diferenças ao nível da orientação sexual nas dimensões do ajustamento conjugal, nomeadamente no consenso, satisfação e coesão. Relativamente ao consenso (concordância dos cônjuges perante as normas sociais), concluímos que os heterossexuais apresentam maior concordância perante as normas sociais que os homossexuais. As atitudes da sociedade em relação à homossexualidade variam consoante a cultura, e a concordância do casal perante as normas sociais, ou seja, depende muito do nível de aceitação da sociedade perante a homossexualidade. Muitos homossexuais têm conflitos na conjugalidade pelo fato de os cônjuges apresentarem diferentes opiniões relativamente ao nível de abertura da sua relação para

a sociedade. Contrariamente os heterossexuais têm a família como principal referência e seguem os padrões tradicionais. Os heterossexuais seguem o padrão que em todas as culturas é aceite e considerado normativo.

Foram também encontradas diferenças ao nível da dimensão satisfação (pensamentos sobre divórcio, separação ou término do relacionamento), e constatou-se que os homossexuais têm mais pensamentos de divórcio/ separação comparativamente aos heterossexuais. A conjugalidade homossexual apresenta determinadas dificuldades, como o facto de revelarem ou não a sua orientação sexual aos outros, e é recorrente o preconceito internalizado relativamente à própria orientação sexual (Simon, 1996), consequentemente apresentam mais dúvidas relativamente ao relacionamento que mantêm. Assim acredita-se que esta poderá ser uma das explicações possíveis para o fato de a conjugalidade homossexual apresentar relacionamentos menos duradouros comparativamente à conjugalidade heterossexual.

Relativamente à dimensão coesão (sentimento de união e integração entre os conjugues), constatamos que os heterossexuais também apresentam maior sentimento de união e integração entre si, comparativamente aos homossexuais. Este resultado não vai ao encontro do estudo realizado por Mosmann, Lomando & Wagner (2010), que referem que os homossexuais apresentam níveis mais elevados de coesão comparativamente aos heterossexuais.

No que concerne à satisfação conjugal ao nível da dimensão amor (sentimentos que cada um nutre pelo outro e pela relação) os dados mostram que existem diferenças entre heterossexuais e homossexuais, sendo que os heterossexuais apresentam níveis mais elevados nesta dimensão. O preconceito na conjugalidade homossexual tem um efeito muito preponderante (Lacerda, Pereira & Camino, 2002). Muitas vezes evitam expor-se em público, não mantendo qualquer contato pessoal e íntimo, visto terem medo da discriminação. Consequentemente tem um impacto negativo na maneira como estes sujeitos nutrem o amor, algo que não acontece com os heterossexuais, visto que podem expressar o seu amor sem serem punidos ou discriminados pela sociedade.

Relativamente ao sexo, foram encontradas diferenças entre homens e mulheres ao nível da vinculação, nomeadamente na dimensão conforto com a proximidade (se o sujeito se sente confortável com a intimidade). A intimidade é assim percebida de forma diferente pelos homens e pelas mulheres. Os homens percebem a intimidade como sexo, beijar e a mulher percebe a intimidade como conversar, escutar Bilac

(2012), entre outros aspetos. Para os homens a intimidade é da ordem corporal Goldenger (2010), do toque e da visão, enquanto a mulher valoriza mais a comunicação.

Ao nível do ajustamento conjugal os resultados mostram que na dimensão coesão (sentimentos de união e integração entre os cônjuges), existem diferenças ao nível do sexo, sendo que os homens apresentam níveis mais elevados nesta dimensão. Os homens no geral têm uma visão mais positiva da sua relação conjugal Gottman (2000), e as mulheres são mais exigentes do que os homens relativamente à conjugalidade e conseqüentemente apresentam menos sentimentos de união e integração com o cônjuge.

No que concerne às dimensões da satisfação conjugal não existem diferenças significativas ao nível do sexo. Assim este estudo vai ao encontro dos trabalhos de Narciso (1994/1995), Ribeiro & Costa (2001/2002) e Isabel & Sinuché (2006) onde referem não existir diferenças ao nível do sexo na satisfação conjugal. No entanto, de salientar o estudo de Gottman (2000) que contrariamente aos estudos anteriores, refere que as mulheres exibem um nível de satisfação conjugal menor que os homens.

Relativamente ao problema de investigação que se colocou neste estudo: Será que as dimensões do ajustamento conjugal são mediadoras na relação entre as dimensões da vinculação e da satisfação conjugal, em heterossexuais e homossexuais? Verificou-se que as dimensões do ajustamento conjugal são totalmente mediadoras na relação entre as dimensões da vinculação e da satisfação conjugal, em heterossexuais e homossexuais.

Primeiramente verificou-se em todos os modelos de mediação realizados, que as dimensões da vinculação se relacionam de forma significativa com as dimensões do ajustamento conjugal, quer em heterossexuais e homossexuais. Verificou-se que nos heterossexuais a dimensão confiança nos outros da vinculação, se correlaciona positivamente com as dimensões do ajustamento conjugal e que nos homossexuais a dimensão ansiedade se correlaciona negativamente com as dimensões do ajustamento conjugal, dito por outras palavras, à medida que a confiança nos outros aumenta nos heterossexuais e a ansiedade diminui nos homossexuais aumentam os níveis de ajustamento conjugal.

Verificou-se também que quer em heterossexuais e homossexuais as dimensões da vinculação têm um impacto significativo nas dimensões da satisfação conjugal e portanto nos heterossexuais quanto maior for a confiança nos outros e no caso do

homossexuais quanto menor for a ansiedade, maior será os níveis de satisfação conjugal.

Além disso as dimensões do ajustamento conjugal mantêm um efeito significativo e positivo nas dimensões da satisfação conjugal quer em heterossexuais e homossexuais, sugerindo que à medida que o ajustamento conjugal aumenta a satisfação conjugal também melhora. Num estudo realizado por Hammerschmidt, Kaslow, Norgen, Sharlin & Souza (2004), também obtiveram como resultados uma relação significativa entre o ajustamento conjugal e a satisfação conjugal.

Assim verificou-se, tal como no estudo de Mikulincer & Shaver (2007) que o ajustamento conjugal é um fator determinante em conjugalidades heterossexuais e homossexuais.

No que respeita à análise de conteúdo verificou-se que são os fatores centrípetos/internos (aqueles que têm origem direta na relação conjugal e são por ela também originados, como por exemplo expetativas, afeto, sexualidade, comunicação) os que têm um impacto mais negativo na satisfação conjugal, sendo estes os fatores que causam mais insatisfação nas conjugalidades heterossexuais e homossexuais. Estes resultados vão ao encontro do estudo realizado por Narciso & Ribeiro (2009), onde também concluíram que são estes fatores que têm maior impacto nos níveis de satisfação da conjugalidade.

No que concerne à orientação sexual, quer em heterossexuais e homossexuais, parece não existir diferenças relativamente ao fator que causa um impacto mais negativo na satisfação destas conjugalidades. O fator que causa mais insatisfação em ambas as conjugalidades é um fator centrípeto, nomeadamente a comunicação e expressão. A comunicação tem um grande impacto nos níveis de satisfação conjugal Féres-Carneiro & Neto (2010). A conjugalidade pode regular a sua relação e os conflitos que surgem por meio de afetos positivos, isto é, evitando retaliações. Ao reduzir comentários severos em uma discussão reduz-se a defensividade e aumenta-se a serenidade entre os cônjuges.

Os fatores centrífugos/externos (fatores Contextuais tais como a família de origem, a rede social em que os em que a conjugalidade está inserida) foram os segundos fatores mais mencionados. Os heterossexuais relatam a falta de tempo e o fato de realizarem poucas atividades em conjunto com um aspeto que interfere na satisfação da conjugalidade. Atualmente vivemos numa era muito tecnológica Perry & Werner-Wilson (2011), com computadores e dispositivos eletrónicos a gerirem as nossas vidas.

Estes dispositivos criam a ilusão de que temos menos tarefas, todavia, acabam por invadir os tempos livres e trazem para casa as exigências da profissão, o que pode acabar por trazer para o dia-a-dia do casal um sentimento de isolamento. Em contrapartida para os homossexuais o preconceito é um dos aspetos que causa mais insatisfação conjugal. O preconceito relativamente às relações homoafetivas ainda é muito comum Lacerda (2002), impedindo que este tipo de conjugalidade possa viver livremente e sem medo de qualquer tipo de julgamento.

Para terminar os fatores tempo (tempo de namoro, tempo de casamento, etapas vistas como normativas ao longo do ciclo de vida, como casar, ter um filho) são os fatores menos mencionados pelos participantes deste estudo, e portanto os dados demonstram que são os fatores tempo os que têm um impacto menos negativo na satisfação conjugal.

Conclusão

Assim, concluímos que nos heterossexuais não existe uma relação entre a dimensão ansiedade e as dimensões da satisfação conjugal e que nos homossexuais não existe uma relação entre a confiança nos outros e as dimensões do ajustamento e da satisfação conjugal. Quer nos heterossexuais e nos homossexuais as dimensões do ajustamento conjugal e da satisfação conjugal correlacionam-se positivamente.

Verificou-se que existem diferenças ao nível da orientação sexual nas dimensões consenso, satisfação, coesão (ajustamento conjugal) e na dimensão amor (satisfação conjugal) e são os heterossexuais que apresentam valores mais elevados nestas dimensões comparativamente aos homossexuais. Verificou-se também diferenças ao nível do sexo na dimensão conforto com a proximidade (vinculação) e na coesão (ajustamento conjugal).

Além disso, verificou-se que as dimensões do ajustamento conjugal são mediadoras na relação entre as dimensões da vinculação e da satisfação conjugal.

Constatamos que são os fatores centrípetos (aqueles que são gerados pela própria relação) que têm um impacto mais negativo na satisfação conjugal quer em heterossexuais e homossexuais. O fator que causa mais insatisfação na conjugalidade foi o mesmo para os heterossexuais e homossexuais, ou seja problemas ao nível da comunicação e expressão.

Assim, para investigações futuras, considera-se que relativamente ao ajustamento conjugal e satisfação conjugal ainda continuam a existir dúvidas na distinção destes conceitos e portanto é importante continuar e estudar estas variáveis. Considera-se também que na conjugalidade homossexual seria pertinente realizar-se estudos em conjugalidades homossexuais que tenham assumido legalmente o seu relacionamento pois os estudos são escassos.

Espera-se que este estudo possa contribuir para o conhecimento acerca da conjugalidade heterossexual e homossexual, e que sirva de inspiração a futuros investigadores.

Para terminar referimos Kurdek (1991), e com o qual concordamos. Na conjugalidade heterossexual e homossexual a grande diferença está apenas na própria individualidade de cada ser humano, das aprendizagens e socializações que viveu, na história de vida que teve, nas relações em que cresceu e não no tipo de orientação sexual e conseqüente conjugalidade que se forma.

Referências

- Ainsworth, M. D. S. (1978). Patterns of attachment: A psychological study of the Strange Situation. *Hillsdale, NJ: Erlbaum.*
- Ainsworth, M. D. S. (1985). Patterns of infant- mother attachments: Antecedents and effects on development. *Bulletin of the New York Academy of Medicine*, 61, 771-791.
- Ainsworth, M. D. S. (1991). Attachments and other affectional bonds across the life cycle. In C . M. Parkes, J. Stevenson-Hinde, & P. Marris (Eds.), *Attachment across the life cycle* (pp. 33-51). London: Routledge.
- Alarcão, M. (2002). *(Des)Esequilíbrios familiares* (3ª ed.). Coimbra: Quarteto.
- Alves, P. (2015). Identidade de género e orientação sexual na adolescência natureza, determinantes e perturbações. *Revista Eletrónica de Educação e Psicologia*, 2, 45-61.
- Banse, R. (2004). Adult attachment and marital satisfaction: Evidence for dyadic configuration effects. *Journal of Social and Personal Relationships*, 21, 273-282. DOI: 10.1177/0265407504041388
- Baron, R. & Kenny, D. (1986). The moderator-mediator variable distinction in social psychology research: conceptual, strategic and statistical considerations. *Journal of Personality and Social Psychology*, 51, 1173-1182.
- Bilac, D. B. N. (2012). Transformação da Intimidade: Homens e Mulheres na Contemporaneidade na perspetiva da estruturação de Giddens. *Revista Travessias*. V.6 nº 2.
- Bowlby, J. (1977) "The making and breaking of affectional bonds", *British Journal of Psychiatry*, 130: 201-10 and 421-31; reprinted 1979, New York: Methuen; London: Tavistock. DOI: 10.1192/bjp.130.3.201
- Bowlby, J. (1980). Attachment and loss: Vol. 3. *Loss. New York: Basic Books.*
- Bowlby, J. (1988). A secure base. *New York: Basic Books.*
- Butzer, B., & Campbell, L. (2008). Adult attachment, sexual satisfaction, and relationship satisfaction: A study of married couples. *Personal Relationships*, 15, 141-154. doi:10.1111/j.1475-6811.2007.00189.x
- Bradbury, T. N., Fincham, F. D., & Beach, S.R.H. (2000). Research on the nature and determinants of marital satisfaction: a decade in review. *Journal of Marriage*

and the Family, 62, 964-980. DOI: 10.1111/j.1741-3737.2000.00964.xView/save

- Callas P.W. , Solomon L.J. , Hughes J.R. & Livingston A.E. (2010). The influence of response mode on study results: offering cigarette smokers a choice of postal or online completion of a survey. *J Med Internet Res.* 12(4):e46.
- Campbell, A., Converse, P. E., & Rodgers, W. L. (1976). *The Quality of American Life: Perceptions, Evaluations and Satisfaction (New York: Russell Sage Foundations)*. DOI: <https://doi.org/10.1017/S0008423900050976>
- Canavarro, M. C. (1999). *Relações afectivas e saúde mental. Coimbra: Quarteto Editora.*
- Cardell, M., Finn, S., & Marecek, J. (1981). Sex-role identity, sex-role behavior, and satisfaction in heterosexual, lesbian, and gay male couples. *Psychology of Women Quarterly*, 5,488–494. DOI: 10.1111/j.1471-6402.1981.tb00588.
- Collins, N. L., & Read, S. J. (1990). Adult attachment, working models, and relationship quality in dating couples. *Journal of Personality and Social Psychology*, 58, 644-663.
- Costa, A.B., & Nardi, H.C. (2015). Homofobia e Preconceito contra Diversidade Sexual: Debate Conceitual. *Trends in Psychology/ Temas em Psicologia*. Vol. 23, nº3, 715-726.
- Cove, J., & Boyle, M. (2002). Gay men’s self-defined sexual problems, perceived causes and factors in remission. *Sexual and Relationship Therapy*, 17,137–147. DOI: 10.1080/14681990220121257
- Dailey, D. M. (1979). Adjustment of heterosexual and homosexual couples in pairing relationships: An exploratory study *Journal of Sex Research*, 15(2), 143-157. DOI: [org/10.1080/00224497909551032](https://doi.org/10.1080/00224497909551032)
- Deshpande A.V., Sampang R. & Smith G.H.H. (2010). Study of botulinum toxin A in neurogenic bladder due to spinabifida in children. *ANZ J Surg.* 80(4):250-3.
- Diniz, G. & Perlin, G. (2005). Casais que trabalham e são felizes: Mito ou realidade? *Psic. Clin.*, Rio de Janeiro, Vol. 17, N.2, p.15-29
- Féres-Carneiro, T. (1997). A escolha amorosa e interacção conjugal na heterossexualidade e na homossexualidade. *Revista de la universidade federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre*, ISSN 0102-7972. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-79721997000200012>.

- Féres-Carneiro, T. (1998). "Contemporary Marriage: The Difficult Association between Individuality and Conjugalinity." *Psicologia, Reflexão e Crítica*, n. 11, p. 379-394.
- Féres-Carneiro, T. (2010). Construção e dissolução da conjugalidade: padrões relacionais. *Paidéia*. Vol. 20, No. 46, 269-278
- Ferreira, F. & Pinho, P. (2009). Psicanálise e Teoria da Vinculação. *Psicologia*, pp. 1;11.
- Fisiloglu, H., & Demir, A. (2000). Applicability of the Dyadic Adjustment Scale for measurement of marital quality with Turkish couples. *European Journal of Psychological Assessment*, 16, 214-218. DOI: <http://dx.doi.org/10.1027//1015-5759.16.3.214>
- Fleming C.M., Bowden M. (2009). Web-based surveys as an alternative to traditional mail methods. *J Environ Manage*.90(1):284-92.
- Fraley, R. C. & Shaver, P. R. (2000). Adult romantic attachment: Theoretical developments, emerging controversies, and unanswered questions. *Review of General Psychology*, 4(2), 132-154. doi: 10.1037//1089-2680.4.2.132.
- Frazão, P. (2012). No que diz respeito ao amor andamos todos às escuras. Reflexões em torno da conjugalidade gay e lésbica. In Labirinto de Mágoas (As crises do casamento e como enfrentá-las), Sampaio, D. (2012), *Editorial Caminho*.
- Fuller, T. L. & Fincham, F. D. (1995). Attachment style in married couples: Relation to current marital functioning, stability over time, and method of assessment. *Personal Relationships*, 2, 17-34. doi:10.1111/j.1475-6811.1995.tb00075.x
- Garbin, A. S, Cenci, C. M. B. & Luz, S. K. (2015). Dinheiro e Conjugalidade. *Revista de Psicologia da IMED*, 7(1): 72-78. DOI: <http://dx.doi.org/10.18256/2175-5027>
- Guerrero, L. K., Farinelli, L., & McEwan, B. (2009). Attachment and relational satisfaction: the mediating effect of emotional communication. *Communication Monographs*, 76(4), 487-514. doi:10.1080/03637750903300254
- Gjerde, P. F., Onishi, M., & Carlson, K.S. (2004). Personality characteristics associated with romantic attachment: A comparison of interview and self-report methodologies. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 30(11), 1402-1415. doi:10.1177/0146167204264291
- Goldenberg, M. (2010). Intimidade. *Editora: Record*.

- Gomez, R., & Leal, I. (2008). Ajustamento conjugal: Características psicométricas da versão portuguesa da Dyadic Adjustment Scale [Dyadic adjustment: Psychometric properties of the Portuguese version of the Dyadic Adjustment Scale]. *Análise Psicológica*, 4, 625–638.
- Gotta, G., Green, R. J., Rothblum, E., Solomon, S., Balsam, K., & Schwartz, P. (2011). Heterosexual, lesbian, and gay male relationships: A comparison of couples in 1975 and 2000. *Family Process*, 50, 353–376. DOI: 10.1111/j.1545-5300.2011.01365.x.
- Gottman, J. M., & Notarius, C. I. (2000). Decade review: Observing marital interaction. *Journal of Marriage and the Family*, 62, 927–947.
- Grenann, D. & Tunnell, G. (2003). *Couple Therapy With Gay Men*. The Guilford Press. Spring Street, New York.
- Hammerschmidt, H., Kaslow, F., Norgen, M., Sharlin, S. & Souza, R. (2004). Satisfação Conjugal em casamentos de longa duração: uma construção possível. *Estudos de Psicologia*, 9(3). 575-584. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-294X2004000300020>
- Heene, E., Buysse, A., & Oost, P. (2005). Indirect pathways between depressive symptoms and marital distress: The role of conflict communication, attributions, and attachment style. *Family Process*, 44(4), 413-440. doi:10.1111/j.1545-5300.2005.00070.x
- Hendrick, S. & Hendrick, C. (1997). Love and satisfaction. In R. Sternberg e M. Hojjat (Eds.). *Satisfaction in close relationships*. (pp.56-78). New York: The Guilford Press.
- Hernandez, J. A. E. (2008). Avaliação estrutural da Escala de Ajustamento Diádico. *Psicologia em Estudo* (Maringá), 13 (3), 593-601. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-73722008000300021>
- Hyde-Nolan, M. E., & Juliaio, T. (2012). Theoretical Basis for Family Violence. In R. S. Fife, & S. Schrager, *Family Violence: What Health Care Providers Need to Know* (pp. 5-21). Wisconsin: Jones & Bartlett Learning.
- Isabel, P., & Sinuché, E. (2006). Intimidad y comunicación en cuatro etapas de la vida de pareja: su relación con la satisfacción marital. *Archivos Hispnoamericanos de Sexologia*, 2(12), pp. 133-163.
- Isay, R. (2009). *Being Homosexual: Gay Men and Their Development*. Kindle Edition. New York.

- Johnson, D. R., Amoloza, T. O., & Booth, A. (1992). Stability and developmental change in marital quality: A three-wave panel analysis. *Journal of Marriage and the Family*, 54, 582-94. DOI: 10.1177/1473325008089630.
- Kane, H. S., Jaremka, L. M., Guichard, A. C., Ford, M. B., Collins, N. L., & Feeney, B. C. (2007). Feeling supported and feeling satisfied: how one partner's attachment style predicts the other partner's relationship experiences. *Journal of Social and Personal Relationships*, 24(4), 535-555. doi:10.1177/0265407507079245
- Kurdek, L. A. (1991). Correlates of relationship satisfaction in cohabiting gay and lesbian couples: Integration of contextual, investment, and problem-solving models. *Journal of Personality and Social Psychology*, 61, 910-922. DOI: 10.1037/0022-3514.61.6.910
- Lacerda, M.; Pereira, C.; Camino, L. (2002). Um estudo sobre as formas de preconceito contra homossexuais na perspectiva das representações sociais. *Psicologia Reflexão e Crítica*, v. 15, n. 1, p. 165-178. 2002.
- MacDonald, B. (1998). Issues in therapy with gay and lesbian couples. *Journal of Sex & Marital Therapy*, 24, 165-190. DOI: <http://dx.doi.org/10.1080/00926239808404931>.
- Mello, L. (2005). *Novas famílias: conjugalidade homossexual no Brasil contemporâneo. Rio de Janeiro: Garamond.*
- Mendes, J.C.S. (2010). *Monogamia e Ajustamento Conjugal: Estudo Comparativo Entre Casais do Mesmo Sexo e Casais de Sexo Diferente. Universidade da Beira Interior.*
- Mikulincer, M., Florian, V., Cowan, P. A., & Cowan, C. P. (2002). Attachment security in couple relationships: A systemic model and its implications for family dynamics. *Family Process*, 41(3), 405-434. doi:10.1111/j.1545-5300.2002.41309.x
- Mikulincer, M. & Shaver, P.R. (2007). Attachment in adulthood: structure, dynamics, and change. *New York: The Guilford Press*, 2007. p. 285-323. DOI: 10.1007/s10615-009-0193-5
- Mosmann, C., Wagner, A. & Féres-Carneiro, T. (2006). Qualidade Conjugal: Mapeando Conceitos. *Paidéia*, 16(35), 315-325. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-863X2006000300003>

- Mosmann, C. P., Lomando, E. M., & Wagner, A. (2010). Cohesion and Adaptability in Heterosexual, Gay and Lesbian Couples: a comparative study. *Humanities and Social Sciences Review*, 1, 315-324
- Narciso, I. (2001). Conjugalidades satisfeitas mas não perfeitas: à procura do padrão que liga. *Tese de doutoramento apresentada à faculdade de Psicologia e Ciências de Educação da Universidade de Lisboa*.
- Narciso, I. (1994/1995). Metamorfoses do Amor e da Satisfação Conjugal. *Cadernos de Consulta Psicológica*, 10/11, pp. 129-139.
- Narciso, I., & Costa, M. (1996). Amores Satisfeitos, mas não Perfeitos. *Cadernos de Consulta Psicológica*, 12, pp. 115-130.
- Narciso, I., & Costa, M. (2001/2002). Percursos de Mudança na Qualidade Conjugal-Fragmentos de um Estudo sobre Conjugalidade Satisfeitas. *Cadernos de Consulta Psicológica*, 17-18, pp. 181-195.
- Narciso, I., & Ribeiro, M. (2009). Olhares sobre a conjugalidade. Lisboa: Coisas de ler.
- Norgren, M.; Souza, R.; Kaslow, F.; Hammerschmidt, H. e Sharlin, S. (2004). Satisfação conjugal em casamentos de longa duração: uma construção possível. *Estudos de Psicologia*, 9, 575-584. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-294X2004000300020>
- Olson, D. H., & Stewart, K. L. (1991). Family systems and health behaviors. In H. E. Schroeder, (Org.), *New directions in health psychology assessment* (pp. 27-64). Nova York: Hemisphere. DOI: <http://dx.doi.org/10.1037/fsh0000070>
- Ottu, I. & Akpan, U. (2011). Predicting marital satisfaction from the attachment styles and gender of a culturally and religiously homogenous population. *Gender & Behaviour*, 9(1), 3656-3679. Retirado de <http://www.ajol.info/index.php/gab>
- Overall, N. C. & Simpson, J. A. (2013). Regulation processes in close relationships. In J. A. Simpson & L. Campbell (Eds.), *The Oxford Handbook of Close Relationships* (pp. 436-459). New York: Oxford University Press.
- Perry, M. S., & Werner-Wilson, R. J. (2011). Couples and computer-mediated communication: A closer look at the affordances and use of the channel. *Family & Consumer Sciences Research Journal*, 40, 120-134. DOI: 10.1111/j.1552-3934.2011.02099
- Pinto, Cf. R. & Grawitz M. (1964). *Méthodes des Sciences Sociales, Paris, Dalloz*, vol. n, p. 495.

- Ribeiro, M., & Costa, M. (2001/2002). Estilos de vinculação, papéis sexuais, género e satisfação conjugal: Um estudo em casais portugueses. *Cadernos de Consulta Psicológica*, 17-18, pp. 197-214
- Rosen-Grandon, J. R., Myers, J. E., & Hattie, J. A. (2004). The relationship between marital characteristics, marital interaction processes and marital satisfaction. *Journal of Counseling and Development*, 82, 58-68. DOI: 10.1002/j.1556-6678.2004.tb00286
- Sabourin, S., Lussier, Y., Laplante, B., & Wright, J. (1990). Unidimensional and multidimensional models of dyadic adjustment: A hierarchical reconciliation. *Psychological Assessment: A Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 2, 333-337. DOI:10.1037/1040-3590.2.3.333
- Sabourin, S., Valois, P., & Lussier, Y. (2005). Development and validation of a brief version of the dyadic adjustment scale with a nonparametric item analysis model. *Psychological Assessment*, 17, 15–27.
- Sampaio, D. (2009). Labirinto de Mágoas: As crises do casamento e como enfrentá-las. *Editorial Caminho*.
- Scorsolini-Comin, F., & Santos, M. A. (2010). The scientific of happiness and health promotion: An integrative literature review. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, 18(3), 472-479.
- Scorsolini-Comin, F., & Santos, M. A. (2011). Ajustamento diádico e satisfação conjugal: correlações entre os domínios de duas escalas de avaliação da conjugalidade [Dyadic adjustment and marital satisfaction: correlations among the domains of two marital evaluation scales]. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 24, 439–447.
- Scorsolini-Comin, F. & Santos, M. (2012). Ajustamento Diádico e Conjugalidade: Avaliação do Bem-Estar no Casamento. *Journal of Human Growth and Development*, 22(3): 367-372 DOI: <http://dx.doi.org/10.7322/jhgd.46708>
- Sepodes, C., A., M., M. (2014). Homo e Heterossexuais: O papel das Memórias de vergonha, das memórias precoces de calor e segurança e qualidade de vinculação ao pai à mãe e ao par amoroso. *Intituto Superior Miguel Torga*.
- Simon, G. (1996). Working with People in Relationships. In D. Davies and C. Neal (eds) *Pink Therapy – a guide for counselors and therapists working with lesbian, gay and bisexual clientes*. *Buckingham*, Open University Press. p. 101-115.

- Simpson, J. A., & Rholes, W. S. (2010). Adult attachment orientations, stress, and romantic relationships. In P. Devine & A. Plant (Eds.), *Advances in Experimental Social Psychology* (Vol. 45) (pp. 279-328) Burlington: Academic Press.
- Spanier, G.B.(1976).Measuring dyadicad adjustment New scales for assessing the quality of marriage and other dyads. *Journal of MarriageandtheFamily*,38,15-28. DOI: 10.2307/350547.
- Spitalnick, J. S., & McNair, L. D. (2005). Couples therapy with gay and lesbian clients: An analysis of important clinical issues. *Journal of Sex and Marital Therapy*,31, 43–56. DOI: 10.1080/00926230590475260.
- Vaistmen, J. (1994) Flexíveis e plurais: identidade, casamento e família em circunstâncias pós-modernas. Rio de Janeiro: *Editora Rocco*.
- Velez, B. L., Campos, I. D., & Moradi, B. (2012). Relations of sexual objectification and racist discrimination with Latina women’s body image and mental health. *The Counseling Psychologist*, 43, 906 –935. <http://dx.doi.org/10.1177/0011000015591287>.
- Zuidegest M., Hendriks M., Koopman L., Spreeuwenberg P. & Rademakers J. (2011). A comparison of a postal survey and mixed-mode survey using a questionnaire on patients’ experiences with breast care. *J Med Internet Res*. 13(3):e68.
- Wagner, A., & Falcke, D. (2001). Satisfação conjugal e transgeracionalidade: uma revisão teórica sobre o tema. *Psicologia Clínica*, 13, 1-15.
- Watson, D., Hubbard, B. & Wiese, D. (2000). General traits of personality and affectivity as predictors of satisfaction in intimate relationships: evidence from self and partner-ratings. *Journal of Personality*, 68, 413-448. DOI: 10.1111/1467-6494.00102
- Weiss, R. S. (1974). The provisions of social relationships. In Z. Rubin (ed.), *Doing unto others* (pp-17-26). *Englewood Cliffs, NJ: Prentice Hall*.

ANEXOS

Anexo A

Consentimento Informado

ANEXO A - Consentimento Informado

Convido-o(a) a preencher os seguintes questionários que têm como objetivo recolher informação para a realização de uma tese de mestrado, intitulada "Diversos Aspectos Das Relações Amorosas em Jovens Adultos" realizada por Paulo Sousa Nascimento e orientado pela Professora Doutora Maria Gouveia-Pereira, do ISPA-IU. A sua participação nesta investigação é voluntária. Poderá retirar-se deste projecto em qualquer altura, sem existirem nenhum tipo de penalizações. As suas respostas são totalmente anónimas e confidenciais. A sua identidade não será utilizada em nenhuma publicação e respeitarei em absoluto os seus dados pessoais. Não existem riscos associados a esta investigação. Poderá contactar-me para o seguinte endereço de e-mail, para o esclarecimento de qualquer dúvida: paulosousa4567@hotmail.com (Paulo Nascimento, aluno do 5º ano do ISPA-IU). O preenchimento dos questionários terá aproximadamente uma duração de 15 minutos. Obrigado pela sua colaboração!

Concordo participar na investigação

Não concordo participar na investigação

Anexo B

Questionário Sociodemográfico

ANEXO B – Questionário Sociodemográfico

Assinale com uma cruz

Sexo Homem
 Mulher

Idade _____

Como se identifica em relação à sua orientação sexual?

Heterossexual	<input type="checkbox"/>
Bissexual	<input type="checkbox"/>
Homossexual	<input type="checkbox"/>
Assexual	<input type="checkbox"/>

Há quanto tempo mantém o relacionamento?

1-3 meses	<input type="checkbox"/>
3-6 meses	<input type="checkbox"/>
6-12 meses	<input type="checkbox"/>
12- 24 meses	<input type="checkbox"/>
Mais de 2 anos	<input type="checkbox"/>

Vive com o seu Parceiro? Sim Se Sim há quanto tempo? _____
 Não

Com quem vive? _____

Habilitações Literárias _____

Profissão _____

Pense na sua relação, caso não tenha pense na sua relação anterior. O que mudaria na sua relação para se sentir mais feliz / satisfeito?

Obrigado pela sua colaboração!

Anexo C

Escala de Vinculação do Adulto (EVA)

Por favor leia com atenção cada uma das afirmações que se seguem e assinale o grau em que cada uma descreve a forma **como se sente relativamente às relações afectivas que estabelece.**

	Nada Caraterístico em mim	Pouco Caraterístico em mim	Caraterístico em mim	Muito Caraterístico em mim	Extremamente Caraterístico em mim
	1	2	3	4	5
Estabeleço, com facilidade, relações com as pessoas.					
Tenho dificuldade em sentir-me dependente dos outros.					
Costumo preocupar-me com a possibilidade dos meus parceiro(a)s não gostarem verdadeiramente de mim.					
As outras pessoas não se aproximam de mim tanto quanto eu gostaria.					
Sinto-me bem dependendo dos outros					
Não me preocupo pelo facto das pessoas se aproximarem muito de mim.					
Acho que as pessoas nunca estão presentes quando são necessárias.					
Sinto-me de alguma forma desconfortável quando me aproximo das pessoas					
Preocupo-me frequentemente com a possibilidade dos meus parceiro(a)s me deixarem.					
Quando mostro os meus sentimentos, tenho medo que os outros não sintam o mesmo por mim.					
Pergunto frequentemente a mim mesmo se os meus parceiros realmente se importam comigo.					
Sinto-me bem quando me relaciono de forma próxima com outras pessoas.					
Fico incomodado quando alguém se aproxima emocionalmente de mim.					
Quando precisar, sinto que posso contar com as pessoas.					
Quero aproximar-me das pessoas mas tenho medo de ser magoado(a).					

	Nada Caraterístico em mim	Pouco Caraterístico em mim	Caraterístico em mim	Muito Caraterístico em mim	Extremamente Caraterístico em mim
	1	2	3	4	5
Acho difícil confiar completamente nos outros.					
Os meus parceiro(a)s desejam frequentemente que eu esteja mais próximo dele(a)s do que eu me sinto					
Não tenho a certeza de poder contar com as pessoas quando precisar delas.					

ANEXO D

Escala de Ajustamento Diádico (EAD)

De seguida, encontram-se referidas algumas áreas que podem gerar acordo ou desacordo entre os dois elementos de um casal. Por favor indique, em relação a cada uma, o **grau aproximado de concordância existente entre si e o seu companheiro**. Se nunca esteve afetivamente envolvido com um parceiro(a), responda de acordo como que pensa que sentiria nesse tipo de situação.

	Sempre de acordo	Quase sempre de acordo	Ocasionalmente em desacordo	Frequentemente em desacordo	Quase sempre em desacordo	Sempre em desacordo
Finanças familiares						
Aspectos ligados a divertimentos						
Religião						
Demonstrações de afecto						
Amigos						
Relações sexuais						
Convencionalismo (considerar o que é um comportamento correcto ou apropriado)						
Filosofia de vida						
Formas de lidar com familiares						
Objectivos e questões consideradas importantes						
Quantidade de tempo passado em conjunto						
Tomada de decisões importantes						
Tarefas domésticas						
Interesses e actividades nos tempos-livres						
Decisões profissionais						

Com que frequência acontecem as seguintes situações?	Sempre	Quase sempre	Frequentemente	Ocasionalmente	Raramente	Nunca
Com que frequência fala sobre, ou tem considerado, o divórcio, a separação ou o fim da relação?						
Com que frequência você ou o seu companheiro(a) sai de casa depois de uma discussão?						
Considera que, de forma geral, as coisas com o seu companheiro(a) correm bem?						
Confia no seu companheiro(a)?						
Alguma vez lamenta ter-se casado (ou viver junto)?						
Com que frequência você e o seu companheiro(a) discutem?						
Com que frequência você ou o seu companheiro(a) deixa o outro com “os nervos a flor da pele”?						

	Todos os dias	Quase todos os dias	Às vezes	Raramente	Nunca
Costuma beijar o seu companheiro(a)?					

	Todos	A maioria	Alguns	Muito Poucos	Nenhum

Você e o seu companheiro(a) têm actividades e interesses fora de casa em que se envolvem juntos?					
--	--	--	--	--	--

Com que frequência acontecem as seguintes situações entre si e o seu companheiro(a)?	Nunca	Menos do que uma vez por mês	Uma ou duas vezes por mês	Uma ou duas vezes por semana	Uma vez por dia	Mais do que uma vez por dia
Terem uma troca de ideias estimulante						
Rirem em conjunto						
Discutirem calmamente um assunto						
Trabalharem juntos num projeto						

Nas últimas semanas tem havido desacordo ou problemas na relação relativamente aos seguintes aspetos?	Sim	Não
Relações sexuais		
Falta de demonstração de amor		

	Extremamente Infeliz	Muito Infeliz	Infeliz	Feliz	Muito Feliz	Extremamente Feliz	Perfeita
Considerando a vossa relação na globalidade, assinale o grau de felicidade que a caracteriza.							

Com que frequência tem os seguintes pensamentos?	Sempre	Quase sempre	Frequentemente	Ocasionalmente	Raramente	Nunca
Quero absolutamente que a minha relação tenha sucesso <i>e faria praticamente tudo o que fosse necessário</i> para isso acontecer						
Quero muito que a minha relação tenha sucesso e <i>farei tudo o que possa</i> para isso acontecer						
Quero muito que a minha relação tenha sucesso e <i>farei o que achar que é razoável</i> para isso acontecer						
Gostaria que a minha relação tivesse sucesso, mas <i>não posso fazer muito mais do que tenho feito para manter a relação</i>						
Gostaria que a minha relação tivesse sucesso mas <i>não estou disposto a fazer mais do que tenho feito para manter a relação</i>						
A minha relação não poderá vir a ter sucesso e <i>não há nada mais que eu posso fazer para manter a relação</i>						

ANEXO E

**Escala de Avaliação da Satisfação Conjugal em Áreas da Vida Conjugal
(EASAVIC)**

As afirmações que se seguem dizem respeito **à forma como se sente satisfeito(a) na sua relação com o(a) seu(sua) parceiro(a)**. De entre as cinco opções, faça uma cruz naquela onde considera que melhor demonstra o que sente na sua relação.

	Nada satisfeito	Poucosatisfeito	Satisfeito	Muitosatisfeito	Totalmentesatisfeito
<u>Na sua relação como se sente:</u>	1	2	3	4	5
Quanto ao modo como passamos os nossos tempos livres.					
Quanto à quantidade de tempos livres.					
Quanto ao modo como nos relacionamos com os amigos.					
Quanto ao modo como nos relacionamos com a família do(a) meu(minha) parceiro(a).					
Quanto ao modo como nos relacionamos com a minha família.					
Quanto à minha privacidade.					
Quanto à minha autonomia.					
Quanto à privacidade do(a) meu(minha) parceiro(a).					
Quanto à autonomia do(a) meu(minha) parceiro(a).					
Quanto ao modo como o(a) meu(minha) parceiro(a) lida com a minha profissão.					
Quanto ao modo como eu lido com a profissão do(a) meu(minha) parceiro(a).					
Quanto à frequência com que conversamos.					
Quanto ao modo como conversamos.					
Quanto aos assuntos sobre os quais conversamos.					
Quanto à frequência dos conflitos que temos.					
Quanto ao modo como resolvemos os conflitos.					
Quanto ao que sinto pelo(a) meu(minha) parceiro(a).					

	Nada satisfeito	Pouco satisfeito	Satisfeito	Muito satisfeito	Totalmente satisfeito
<u>Na sua relação como se sente:</u>	1	2	3	4	5
Quanto ao que o(a) meu (minha) parceiro(a) sente por mim.					
Quanto ao modo como expesso o que sinto pelo(a) meu(minha) parceiro(a).					
Quanto ao modo como o(a) meu(minha) parceiro(a) expressa o que sente por mim.					
Quanto ao desejo sexual que sinto pelo(a) meu(minha) parceiro(a).					
Quanto ao desejo sexual que o(a) meu(minha) parceiro(a) sente por mim.					
Quanto à frequência que temos relações sexuais.					
Quanto ao prazer que sinto quando temos relações sexuais.					
Quanto ao prazer que o(a) meu(minha) parceiro(a) sente quando temos relações sexuais.					
Quanto à qualidade das nossas relações sexuais.					
Quanto ao apoio emocional que dou ao(à) meu(minha) parceiro(a).					
Quanto ao apoio emocional que o(a) meu(minha) parceiro(a) me dá.					
Quanto à confiança que tenho no(a) meu(minha) parceiro(a).					
Quanto à confiança que o(a) meu(minha) parceiro(a) tem por mim.					
Quanto à admiração que sinto pelo(a) meu(minha) parceiro(a).					
Quanto à admiração que o(a) meu(minha) parceiro(a) sente por mim.					
Quanto à partilha de interesses e actividades que temos em conjunto.					
Quanto à atenção que dedico aos interesses do(a) meu(minha) parceiro(a).					
Quanto à atenção que o(a) meu(minha) parceiro(a) dedica aos meus interesses.					
Quanto aos nossos projectos para o futuro.					
Quanto às minhas expectativas quanto ao futuro da nossa relação.					

	Nada satisfeito	Pouco satisfeito	Satisfeito	Muito satisfeito	Totalmente satisfeito
<u>Na sua relação como se sente:</u>	1	2	3	4	5
Quanto às expectativas do(a) meu(minha) parceiro(a) quanto ao futuro da nossa relação.					
Quanto ao aspecto físico do(a) meu(minha) parceiro(a).					
Quanto à opinião que o(a) meu(minha) parceiro(a) tem sobre o meu aspecto físico.					
Quanto às características do(a) meu(minha) parceiro(a).					
Quanto aos hábitos do(a) meu(minha) parceiro(a).					
Quanto às opinião que o(a) meu(minha) parceiro(a) tem sobre as minhas características.					
Quanto às opinião que o(a) meu (minha) parceiro(a) tem sobre os meus hábitos.					

FIM